

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n. 46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C/M/33/2012 | taxa. rec. CUC/14 | in abbonamento

Oceânia

**Nas terras
onde nasce
o sol**

Médio Oriente
Para construir
um mundo de paz

Gen 3
Em viagem
para crescer



Unidade, palavra divina

Unidade: palavra divina. Se a um dado momento fosse pronunciada pelo Onnipotente e os homens a pusessem em prática, nós veríamos o mundo parar de repente a sua marcha normal, como num truque de filmagem, e retomar o caminho da vida em direção oposta. Inúmeras pessoas retrocederiam da estrada larga da perdição e converter-se-iam a Deus, entrando por aquela mais estreita... famílias desmembradas por contendas, enregeladas pelas incompreensões, pelo ódio, e amortalhadas pelo divórcio, iriam recompor-se.



Castel gandolfo, 12 de abril de 2002. Chiara com alguns gen

E as crianças cresceriam num clima de amor humano e divino e tornar-se-iam homens novos para um futuro mais cristão.

As fábricas, muitas vezes cheias de 'escravos' do trabalho, num clima de tédio, quando não de blasfêmia, tornar-se num lugar de paz, onde cada um trabalha no seu quinhão, para o bem de todos.

E as escolas ultrapassarem a transitoriedade da ciência, pondo conhecimentos de toda a espécie a servir de estrado para as contemplações eternas, que se aprendem nos bancos da escola como uma quotidiana revelação dos mistérios, intuídos a partir de pequenas fórmulas, leis simples e até de números...

E os Parlamentos a transformarem-se num local de encontro de homens a quem interessa, mais do que ao partido que cada um apoia, o bem de todos, sem enganar os irmãos e a pátria.

Em suma, veríamos o mundo tornar-se um pouco melhor e o Céu descer, como por encanto, sobre a Terra, e a harmonia da Criação tornar-se moldura para a concórdia dos corações.

Veríamos... É um sonho! Parece um sonho!

No entanto Tu não pediste menos quando rezaste: «Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu» (Mt 6, 10).

Chiara Lubich,

A doutrina espiritual, Mondadori, p. 141-142

Dois livros, uma herança

À distância de um ano da partida para o Céu de Giuseppe Maria Zanghì (Peppuccio), no dia 23 de janeiro de 2015, foram publicados dois livros em que ele colaborou.

A *Città Nuova* publicou o volume «Entrevista a Giuseppe Maria Zanghì, o desafio cultural do carisma da unidade» de Marco Martino. O texto responde à exigência, muito sentida por aqueles que estiveram com ele durante muitos anos, de tornar acessível a todos a sua dimensão existencial quotidiana. Que muitas vezes vem em evidência de modo confidencial, com reflexões inesperadas e confissões íntimas, que vão desde a crise da cultura europeia ao hoje da

Obra, ao seu relacionamento com Chiara e ao seu percurso de vida, intelectual e interior. A entrevista foi feita por Marco Martino que, depois de ter feito a experiência do Instituto Superior de Cultura e a Licenciatura em Ciências políticas, entregou o doutoramento sobre investigação da Filosofia política, na Universidade "La Sapienza" de Roma, e atualmente é professor catedrático do Instituto Universitário Sophia, de Loppiano. Como conclusão do volume, dois contributos, com a assinatura de Piero Coda e de Antonio Maria Baggio, percorrem de novo as etapas da extraordinária aventura humana e intelectual de Peppuccio, evidenciando a preciosa herança espiritual e cultural que nos deixou.



O segundo livro que lhe diz respeito é a reedição do volume «Lendo um carisma. Chiara Lubich e a cultura». O texto já tinha sido publicado em julho de 2013 e foi reeditado em dezembro do mesmo ano, pela *Città Nuova*, numa versão inicial, sem intervenções significativas.. Após a sua morte, considerou-se oportuno, em outubro passado, fazer uma nova edição revista e que, também sob o ponto de vista gráfico, tornasse o texto mais acessível ao público. De modo especial, procurou-se evidenciar

os muitos textos de Chiara sobre a experiência do verão de 1949 - dos quais muitos são inéditos - indicando explicitamente a que se referem, bem como os comentários e notas da própria Chiara, sobre eles.

Como Peppuccio explica na introdução, é um dever fundamental de todos os membros do Movimento que: «Possamos abrir-nos a uma leitura do "Paraíso de '49", raiz e vértice de uma mística intensamente original. Abrir-nos a uma compreensão mais profunda da Obra de Maria, para fazer surgir a novidade cultural do carisma de Chiara».

Antonio Coccoluto

Encontro do Médio Oriente

Um projeto nas mãos de Deus

O empenho quotidiano para construir um mundo de paz

Após o retiro do início de dezembro, realizou-se em Castelgandolfo, de 8 a 10 de dezembro de 2015, um encontro das e dos focolarinos do Médio Oriente. Estavam presentes 109 pessoas (focolarinas e focolarinos de vida comum e casados) provenientes de muitas das 22 nações que constituem a única Zona, composta por 7 zonetas, com 25 focolares mais os dois centro zonas novos, abertos há pouco em Aman. Participaram também no encontro, preparado com a contribuição de todos, já desde o mês anterior, a Olga Maria Rodriguez e o Dorival Spatti, conselheiros do Centro da Obra para o aspeto do verde e para o Médio Oriente. Entrevieram também a Agnes van Zeeland e o Flávio Roveré, representando o Centro Foco e a Casa Vita.

A ideia de uma única Zona mediorienta-nortafriicana é, neste momento, uma coisa difícilíssima de se pensar e de realizar: entre a maioria dos Países que dela fazem parte, como



se sabe, há brechas e, em certos casos, até conflitos armados, mais ou menos evidentes. O próprio facto de se constituir uma única Zona é já um testemunho, quer a nível civil quer de diálogos. Entre os membros internos do Médio Oriente, este desafio é uma realidade: há muito amor entre as pessoas e para com os outros, e, apesar de tudo, está muito vivo o próprio diálogo inter-religioso.

A Emmaus e o Jesús entrevistaram num clima de grande festa e luz. Relembrando o que o Papa tinha dito, alguns dias antes (que traz no bolso o terço e a via sacra, porque a via sacra lembra-lhe o «fracasso de Deus»), a Emmaus comentou: «Jesus

não teve sucesso: *tinha um projeto que o Pai lhe tinha confiado, que deveria concluir e Ele não conseguiu... chegou a tal ponto que não conseguiu e gritou. [...] Por isso, penso que não se pode dizer nada, mas pode-se obter este milagre da unidade, fazendo a nossa parte. Porque também é verdade que, depois de tudo isto, Jesus ressuscitou... Talvez seja a partir do Médio Oriente que deva surgir esta revolução, que mostre verdadeiramente*



a potência da unidade, a potência do Carisma».

Jesús acrescentou: «Pode-se dizer o que disse o Papa: o “fracasso de Jesus” – e aqui poderíamos dizer o “fracasso de Deus” – é o fracasso do cristianismo e é o fracasso do islamismo, precisamente porque estamos convencidos que se trata do mesmo Deus. E, para um mundo de paz, creio



que seja esta a raiz: estar enraizados nesse ponto, no “fracasso de Deus”. E depois, a unidade entre nós. A unidade entre as Igrejas é extremamente urgente (diziam-no também os Bispos) ... E a unidade com os muçulmanos, que fazem a mesma experiência de Deus que nós. Continuar a progredir como Obra... Com uma nova consciência...».

A Emmaus explicou: «O que é radical é Jesus Abandonado e a unidade. E sem coisas estrondosa, avançar com a Obra, Jesus no meio nos focolares, nas comunidades».

Além disso, durante o encontro, trabalhou-se muito nos grupos transversais, sobre algumas temáticas comuns a toda a Zona, individualizadas precedentemente. Alguns pontos de comum acordo, extraídos das sínteses dos grupos, foram: favorecer os relacionamentos afetivos, que devem preceder os efetivos. Fazer circular, entre as zonetas, notícias, iniciativas, competências - mesmo de pessoas - e trabalhar para projetos comuns. Os centros-zona estão ao serviço de todos, deveriam recolher e fazer com que a vida circule, aliviar para favorecer o «ir para fora», transmitir a vida do Centro, favorecer os relacionamentos e a reciprocidade.

Propostas concretas: *blog*, colaboração

entre as cores das zonetas, envolvimento dos membros internos e das comunidades locais, *newsletter*, etc...

Teve-se uma maior consciência de que, o «ir para fora», implica uma mudança de mentalidade: sair dos esquemas, dar o primeiro passo, colaborar com outras associações: «Sair juntos»



deixando até os programas do próprio ramo, se for necessário. Penetrar mais na cultura e realidade local.

Algumas impressões, no fim do encontro:

«O meu Deus é aquele, é aquela humanidade que chamamos Jesus Abandonado. [...] É neste Deus que estou contente e o que sinto é que Deus me chamou para isto, por isso em tudo o que não corre bem digo: ótimo! Sinto-me chamado para aqui, não para outro lugar, é uma nova luz para mim».

«Vi uma família deveras grande. É isto o que me fica, parto assim, com esta família, em que amamos cada um, um ao outro, a Zona, a grande Zona. Vi aqui uma família realizada... Todos nos esperam, especialmente nesta Zona... Vi a falta de unidade nas Igrejas, a falta de unidade em tudo e que todos esperam o focolar».

«Levo comigo, de modo particular, aquele trecho de Chiara (cf. "Ressurreição de Roma") «Jesus via o mundo, assim como ele era, mas não duvidava». É uma página que conhecemos de cor, mas ficou-me gravada no coração, como nunca ... e não quero pôr em dúvida que há esta esperança, que levamos connosco juntos».

Arlette Samman, Philippe Ehrenzeller

Com a comunidade do Dubai



Onde viver é um desafio

A viagem da Emmaus e do Jesús à Índia, começa com uma etapa no Dubai, onde a comunidade dos Focolares é formada por pessoas provenientes de todo o mundo

«No Dubai somos de realidades e Países diferentes. Aqui, o Focolar depende de cada um de nós, somos nós o Movimento dos Focolares, aqui e juntos, todos somos responsáveis. Hoje, começa uma nova fase». Esta impressão de uma "interna" da comunidade, originária da Ásia, exprime bem a realidade que a Emmaus e o Jesús encontraram no Dubai, no dia 15 de janeiro. De facto, tínhamos planeado aproveitar a passagem deles, por lá, durante a viagem que faziam em direção à Índia, para se encontrarem com a comunidade original, que vive nos Emirados Árabes. Aqui, nos arranha-céus das cidades, construídos a uma velocidade incrível, devido aos lucros com o petróleo, pequenos grupos de pessoas vivem o Ideal de Chiara, alimentando a unidade entre elas com os "social média" e com encontros da Palavra de vida.

Eram cerca de oitenta, provenientes das Filipinas, Índia, Paquistão, Egipto, Síria, Jordânia, Líbano, Palestina e também do Brasil e Itália, mas atualmente residentes no Dubai, Abu Dhabi, Qatar, Omar e Bahrein. Uma amostra representativa da população desta zona - onde 90% são estrangeiros, que vieram viver para aqui



por motivos de trabalho. Por aqui, a vida é um desafio: longe do país e da cultura de origem, num ambiente onde o que conta é só ganhar dinheiro, é forte o risco de se deixar dominar por uma mentalidade que põe em primeiro lugar o consumismo, interesses, e conforto.

«Agradeço-vos a todos pelo dia de hoje, porque vivi coisas muito fortes, encontrei pessoas genuínas e empenhadas na família do focolar» disse um dos participantes. «É a primeira vez que participo e vim aqui com muita "sede" – dizia outra - Viver no Dubai é muito difícil: encontrar alojamento, trabalho, ter uma vida autêntica. O dia de hoje foi uma revelação daquilo que eu procurava. Experimentei uma forte presença de Deus, o amor de todos, independentemente da



situação em que cada um vive. Obrigado por esta oportunidade, havemos de nos encontrar outra vez, talvez em breve».

Foi lindíssima a preparação deste momento tão esperado: «Fizemos a experiência de que o importante não é esta ou aquela ideia, mas sim construir a família, onde Jesus no meio faz descobrir o melhor de cada pessoa». «Chiara disse: "é melhor o menos perfeito em unidade do que o mais perfeito em desunidade..." – confirmou alguém –.E assim, o que hoje se passou é um fruto desta unidade».

Para alguns foi reencontrar «a família», depois de anos em que, por vários motivos se perderam os contactos. «Encontrei o Movimento quando era gen4 – disse uma jovem africana – Quando vim para o Dubai não sabia que ele estava presente, também aqui. O meu marido e os meus filhos não estão comigo. Estou mesmo feliz. Através das palavras da Emmaus, recebi uma resposta de Deus».

Um membro interno do Médio Oriente: «Acontece muitas vezes que, no dia anterior ao encontro de Palavra de vida, apresentam-se-me muitos problemas e parece impossível poder ir. Quando chego ao encontro levo comigo as dificuldades que vivi, mas logo a seguir, graças à unidade, sinto-me outra pessoa». É enriquecedor conhecer e amar pessoas de outras terras: «Antes de vir para o Dubai não conhecia nada sobre o Paquistão e nem sabia que lá havia cristãos. Ao encontrar aqui este povo, descubro a sua beleza

e a do seu País. Vivi um momento inesquecível durante um jantar típico paquistanês».

Um jovem asiático: «Foi uma graça grande ter conhecido o focolar, em 1994. Aqui no Dubai, cada um vive a própria situação de trabalho. Mantenho-me em contacto através do *WhatsApp* e da página *facebook* dos Emiratos, e as notícias ajudam-me a recordar a vida do Ideal durante o meu programa intenso de vida e de trabalho. Os contactos com o Movimento, para mim, são como a gasolina: que me abastecem o depósito e ajudam-me a viver as dificuldades amando Jesus Abandonado. O encontro com a Emmaus, o Jesús e os focolarinos, que, providencialmente, aconteceu no meu dia livre, foi uma enorme alegria para mim».

Um gen do Médio Oriente: «Tocou-me o que disse Jesús a propósito do deserto que contém as sementes: eu, como muitos de nós aqui, sentia-me como uma dessas sementes. A chegada da água, como hoje, fez surgir as flores. Estou em Abu Dhabi e há outras flores perto de mim. Gostei do que disse a Emmaus: "Nós não vamos ficar aqui para sempre, mas tudo o que fizermos agora continuará, através daqueles que vão vir depois de nós, porque a comunidade continua"».

Uma pessoa da primeira comunidade do Dubai: «Porque estou tão feliz hoje? Porque sinto que se vai "realizando" o plano de Deus sobre esta parte do mundo. Devemos partilhar esta vida, ser abertos uns para com os outros e levar a muitos a nossa experiência, para que o plano de Deus se realize aqui, fazendo nascer outras comunidades noutros lugares».

Arlette Samman, Philippe Ehrenzeller



Em *Mariapoli* online
www.focolare.org/notiziariomariapoli
As várias etapas da viagem à Índia

Da Oceânia

Nas terras onde nasce o sol

Viagem à Oceânia com os conselheiros da Grande Zona, Andrew Camilleri e Vania Cheng que, de 23 de Dezembro de 2015 a 18 de Janeiro de 2016, visitaram Wellington (Nova Zelândia), Perth e Melbourne (Austrália)

Paisagens de fazer perder o fôlego. A sede de comunhão na Nova Zelândia

Foi aqui que teve início a viagem. É um País de uma rara beleza natural, situado 2000 quilómetros a leste da Austrália, com uma população de 4,5 milhões de habitantes. Predomina a cultura europeia, mas as minorias étnicas estão bem integradas (15% maori, 7% das Ilhas do Pacífico e 12% asiáticos).

Numa sociedade onde o individualismo e a secularização aumentam, existe ainda um forte desejo de vida comunitária. As pessoas do Movimento não têm receio de enfrentar grandes dificuldades para ir beber à fonte da unidade – o focolar – e muitas foram as ocasiões para se encontrarem.

A casa que foi do focolar masculino de Wellington (actualmente está suspenso) foi, durante quatro dias, um ponto forte de atração: alguns focolarinos e gen2 ali se alojaram durante alguns dias, aceitando o desafio de tentar imitar Jesus, vivendo generosamente a dádiva de si mesmos ao outro e a todos. O focolar era como uma colmeia: Jesus no meio atraía, havia

um constante vaivém de corações. As focolarinas mudaram-se para a Baía de Hawke, que é onde o sol nasce primeiro, cada dia. E também lá acontecia o mesmo.

O amor da comunidade foi surpreendente: as famílias levavam alimentos e géneros; muitos jovens e adolescentes vinham de localidades que ninguém esperava, para se unirem a esta experiência, durante alguns dias ou até só por poucas horas.

Aguardando a reabertura do focolar masculino, os gen2 discutiram alguns temas de atualidade para os jovens, pondo em evidência o grande recurso que o focolar pode ser para resolver os problemas com que se confrontam na Nova Zelândia: necessidade de abertura e universalidade, necessidade de dar sentido à vida, ao amor, ao sofrimento.

Etapa em Perth

Perth é uma cidade jovem onde grande parte da população é composta por novos imigrados. A cidade é ampla, bem planificada e autosuficiente, mas as pessoas sentem solidão, falta de profundidade nos relacionamentos interpessoais, exigência de se abrirem a outras culturas. A grande sede de momentos de comunhão exprime-se muitas vezes em serões passados em conjunto, estilo *barbecue* (churrasco). E os jovens estão ansiosos por viajar para o ocidente, para conhecer o mundo.

Durante os dias em Perth, cada noite era uma oportunidade para ver os grupos da comunidade, todos eles com a característica de





uma grande internacionalidade. O primeiro contacto foi com a comunidade de língua chinesa, cultivada por um casal de Hong Kong, Lucy e Michael.

É espontâneo o contacto entre jovens e adultos. Para o favorecer e para integrar quem chega de novo, o focolar propõe-se dinamizar uma «cultura da visita».

Os focolares foram abertos no princípio dos anos 80. Mas os inícios da Obra nesta cidade remontam a 1973. Desde então muitas foram as visitas do Centro, incluindo primeiros focolarinos e focolarinas.

O «pequeno rebanho» do Movimento dá hoje a impressão de ser um oásis vivo no deserto, capaz de matar a sede a muitos. Assim se exprime Karen, focolarina casada: «A luz que recebi inspirou-me a receber a visão renovada do hoje da Obra. Na minha pequena dimensão, vou procurar descobrir o que isso quer dizer para nós, aqui em Perth».

A Mariápolis, para construir juntos a unidade da Oceânia: todos em viagem para Phillip Island

A Mariápolis para toda a Oceânia realizou-se de 13 a 17 de Janeiro, em Phillip Island, a duas horas a sudeste de Melbourne: um acontecimento muito aguardado, depois da histórica

visita da Emmaus à Austrália e à Nova Zelândia, em 2013.

A «viagem» para este momento começara já dois anos antes, com atividades para recolher fundos em algumas ilhas do Sul do Pacífico, onde se fala francês, e com os preparativos realizados em cidades e aldeias espalhados por todo o vasto continente australiano.

Para muitos representou um enorme esforço físico e financeiro o simples facto de chegar à Mariápolis. Os participantes tiveram que enfrentar viagens incríveis, percorrendo distâncias enormes!

Nas ilhas longínquas da Oceânia, a confiança na providência de Deus, a comunhão de bens e a experiência do «Dai e ser-vos-á dado» tornaram possível a viagem a mais pessoas do que as originariamente previstas. As famílias das ilhas de



Wallis e Futuna recolheram o que era preciso para pagar a estadia na Mariápolis, e a viagem de 4.470 km de Futuna e quase 4.700 das Fiji! Um participante que veio da ilha de Kiribati fez uma viagem de cinco dias, com vários voos e diversas escalas.

A Mariápolis era um espetáculo de universalidade, com mais de 50 nacionalidades, pessoas de alguns Países asiáticos, africanos, americanos e europeus. Muitos diziam que, depois da experiência feita nestes dias, podiam afirmar com certeza que é possível viver para um mundo unido.

Ao cuidado da redação



México



Costa do Marfim

Focolarinas e focolarinos

Portadores de alegria

Numerosos encontros de focolarinas e focolarinos em vários Países. Focalizamos neste número os que se realizaram em Castel Gandolfo, acompanhados por *streaming* em várias partes do mundo

Como habitualmente, focolarinas e focolarinos (são mais de 7.000 no mundo inteiro) dedicaram alguns dias aos Exercícios espirituais anuais. É uma oportunidade preciosa de unidade com Deus e com o próximo. Muitos foram os encontros, nas mais diferentes latitudes, em grupos pequenos ou numerosos e com variados programas.

Em Castel Gandolfo realizaram-se dois em Dezembro, com uma numerosa participação de todos os continentes, e um terceiro, em Janeiro, para a Europa Oriental e Ocidental. No total participaram cerca de 2.800 focolarinas e focolarinos, de vida comum e casados.

Recebemos notícia, também, dos encontros que tiveram lugar na Áustria (para a Europa Central), na Costa do Marfim, em três localidades do Brasil, em Loppiano, na Zona 2 da América do Sul de língua espanhola, em várias localidades da Itália. E, a fechar, em meados de Janeiro, o encontro no México, com a presença da Agnes van Zeeland e do Flávio Roveré e outros dos Centros das Seções.

É difícil resumir em poucas palavras a

experiência vivida ... Em geral, parece-nos que foi dado um novo passo em frente na vida ideal: tendo aprofundado e vivido mais intensamente a união com Deus no ano passado, desta vez pudemos olhar para os nossos relacionamentos, para o diálogo, para a unidade com todos: com cada irmã e irmão que encontramos, no focolar em que vivemos, entre focolarinos e focolarinas...

Já a preparação foi uma experiência vivida e cuidadosamente preparada em conjunto pelos nossos dois Centros, e pelas Zonas, com a participação de focolarinas e focolarinos de várias Igrejas, num percurso de escuta recíproca e de partilha que, desde o primeiro dia de cada encontro, proporcionou uma unidade tangível.

O tema da Emmaus sobre a unidade foi o fio condutor do programa, dedicado às expressões da unidade que ela sublinha: *dádiva, empenho, objetivo*.

No primeiro dia, focalizando a dimensão humano-divina da nossa vocação, redescobrimos a grandeza de termos sido criados por Deus como uma dádiva uns para os outros. E que é segundo esta luz que poderemos dar



vida a um verdadeiro diálogo. A gratuidade do amor de Deus que nos criou assim e que nos deu o Carisma da unidade preencheu todos de uma grande alegria e nova esperança.

No segundo dia, o *empenho* ganhou consistência no desafio de realizar cada vez mais o diálogo e a unidade com todos e, de modo especial, nos nossos focolares, à luz do altíssimo modelo que Chiara sempre apon- tou, da vida da Trindade.

Recordámos o p. Pascoal Foresi (Chiaretto), numa viva apresentação feita pelo seu focolar. O Centro Igino Giordani ilustrou o pensamen- to de Foco sobre o diálogo. Com estes dois momentos iniciou-se o terceiro dia, que pros- seguiu com focolarinas e focolarinos de várias Igrejas, com os quais percorremos juntos o caminho feito ao longo destes anos: partilhá- mos desafios, sofrimentos, e alegrias. Pudemos assim entrar mais profundamente na realidade ecuménica vivida no interior da Obra.

Os diálogos com a Emmaus e o Jesús – seguidos, como grande parte do programa, via *streaming* em várias Zonas – foram momentos de verdadeira família e de muita luz.

Uma vídeo-apresentação da Vera Araújo e a intervenção de Renata Simon e Francisco Canzani (conselheiros no Centro para o aspe- to «Sabedoria e Estudo») ilustraram as reali- dades no «Paraíso de 49».

Uma particularidade destes encontros foi olhar para a nossa vida de focolarinas e focolarinos entrando no concreto dos nossos relacionamentos, com experiências, refle- xões, comunhão... para nos ajudarmos a vi- ver com maior radicalidade a nossa vocação,

projetados no «*Que todos sejam um*».

Motivo de grande alegria e esperança foi o anúncio da abertura de novos focolares: Zâmbia, Bielorrússia e Etiópia (focolares femi- ninos); Tanzânia, Myanmar, Baar – na Suíça –, Nazaré – na Terra Santa –, em Bengala, Índia (focolares masculinos), bem como a *energia* e a pureza ideal das focolarinas e dos focolari- nos que partem para as Zonas, depois de ter- minarem a escola de formação em Loppiano e Montet.

Vendo esta experiência planetária e os ecos chegados, parece-nos poder dizer que, mais do que falar sobre diálogo e unidade, tratou-se de uma experiência. Uma experiên- cia que produziu «milagres» de reconversão, reconciliação, fé e esperança renovadas na unidade. Provam-no as palavra-chave mais votadas, no final de cada dia: gratidão, ale- gria, misericórdia, unidade, ternura, dom...

«Vivemos um verdadeiro dia de foco- lar!» diziam muitos. E ainda: «Na comunhão livre, plena e profunda, a presença de Jesus no meio de nós foi forte e visível»; «Quero ter mais atenção pelos outros, mesmo nos pe- quenos gestos, até à santificação do focolar», «No diálogo com a Emmaus e o Jesus, pude- mos ver o nosso ser focolarinos hoje».

Se quiséssemos concluir com uma única palavra, ela poderia ser «alegria», como sub- linhou a Emmaus no final do último retiro, desejando que provássemos com a vida que a unidade «*traz alegria, como tantas vezes experimentámos; mas que seja cada vez mais verdadeira, para que o mundo acredite*».

Os centros das focolarinas e dos focolarinos



Loppiano



Sul da América latina

«Olhar com os olhos de Deus»

Fragmentos Das respostas da Emmaus Voce e Jesús Morán
nos retiros de focolarinas/os em Castel Gandolfo

Como chegar à unidade de pensamento e como ela se vive no Centro da Obra

«No início deste novo mandato, quando me deparei com Jesús, como Copresidente e com os outros focolarinos e focolarinas, eleitos pela Assembleia para o Centro da Obra, é claro que não os conhecia todos, não sabia que capacidades, virtudes, talentos e limites tinha cada um. Sabia apenas uma coisa: tinham sido eleitos pela Assembleia. Sabia, portanto, que Deus os tinha escolhido tal como me escolhera a mim [...] e nos juntara em vista de um plano seu, com um seu projeto, uma sua visão [...]. Abordando-os com esta atitude, é claro que não estava a ver se era da Europa de Leste ou do Oeste, mais ou menos velho, se tinha competência nesta ou naquela área. Olhava-o reconhecendo que é uma dádiva de Deus. É como tal que o abordo, e por isso tenho plena confiança nele.

Creio que todos nós demos este passo. E tendo dado este passo, foi fácil, também, chegar depois à unidade de pensamento.



Mas que nunca foi uniformidade, bem pelo contrário: quanto mais crescia, entre nós, a unidade, mais se descobriam os talentos específicos deste e daquele, as qualidades de um e de outro. Por isso dávamos ainda mais graças a Deus por ter colocado junto de nós aquele focolarino que, na verdade, conhecia bem aquela matéria, que entrava mesmo a fundo naquele problema e nos conduzia a soluções que talvez nós não teríamos encontrado, porque tinha uma competência para aquele assunto. [...]

A unidade de pensamento, portanto, não significa que temos todos que pensar ou fazer o mesmo ou que todos precisamos de fazer as coisas da mesma maneira, ou precisamos de usar todos as mesmas expressões, as mesmas imagens, não! É precisamente a unidade, que é amor recíproco.

Então, como se chega lá? Chega-se partindo desta confiança: aquela pessoa que encontro foi posta por Deus no meu caminho, é uma dádiva de Deus para mim. Por isso, acolho-a, abro-me a ela, dou-lhe tudo de mim. Dou-lhe o meu pensamento, a minha opinião, a minha atenção, dou-lhe tudo



o que tenho, porque confio nela, porque é Jesus que ma envia. Coloco-me nesta atitude, dou tudo, portanto. Mas este dar é um ato de amor, não é um dar para chegar à unidade de pensamento, não! Amamo-nos, simplesmente, e a unidade de pensamento vem por si».

Nova configuração e identidade do focolarino

Emmaus: «Esta manhã, quando ouvi Chiara falar do momento do Pacto de unidade com o Chiaretto, a um dado momento notei que ela disse: “A Terra tornou-se o meu Céu”. [...] É esta a identidade do focolarino: estar na Terra, mas fazer da Terra o Céu. Por isso, não precisamos de nos separar da Terra, não temos que esquecer as pessoas, não temos que deixar de tratar do que acontece à nossa volta. Temos que olhar para todas estas coisas com os olhos



de Deus, isto é, com o olhar de Jesus no meio, porque, para nós, Deus manifesta-se em Jesus no meio, manifesta-se na unidade. [...] Se assim fizermos, ficaremos contentes e também os outros ficarão contentes, penso. Faremos, então, aquilo para o qual Deus nos chamou».

Jesús: «Notamos que existe entusiasmo na Obra, nos focolarinos e nas focolarinas, em relação, também, nova configuração. Um entusiasmo renovado em viver a nossa vocação. Mesmo se notamos, também, que existem algumas dúvidas, alguma desorientação

– logicamente – sobre o nosso papel. Porque se trata de uma mudança radical, é uma mudança de rumo notável, também do ponto de vista estrutural, da dinâmica das Zonas.

Veio-me este pensamento: nesta fase da vida da Obra pode surgir uma tentação dupla, com duas faces, (têm a mesma raiz). [...] Por um lado, pode existir uma resistência ao “novo”, o “novo” do Espírito. Uma resistência ao “novo” precisamente porque nos desorienta, nos tira as certezas. Mas pode surgir também uma obsessão pelo “novo”. Parece-me que se trata de uma tentação que tem a mesma raiz: a falta de Espírito Santo – e todos passamos por isso. Porque o Espírito Santo é novidade, novidade constante, permanente, é atualização. Por isso é falta de Espírito Santo resistir ao “novo”. Mas é também falta de Espírito Santo esta obsessão de novidade, que perde de vista o facto de que o Espírito Santo não procede de si mesmo, procede do Pai e do Filho, tem raízes. Por isso não vale o “novo” pelo “novo”: (isso) é também falta de Espírito Santo. É bom estar atentos».

Emmaus: «Creio que o Espírito Santo nos pede também, por vezes, para termos paciência, para darmos tempo ao tempo, isto é, que se espere que as coisas fiquem maduras. Porque o importante é que tudo o que se faz – a mudança de rumo, a nova configuração –, se faça no amor e por amor. Se alguém se sentir demasiado esticado, já não sente aquele amor de Deus que nos deixa amadurecer pouco a pouco. Há os mais jovens que gostam de fazer rapidamente tudo o que está no programa; e outros, que estão um pouco mais cansados e que têm algum receio disso. Tem que haver compreensão de um lado e do outro. É preciso ter esta atenção de agir segundo o Espírito Santo. E o Espírito Santo é Amor. Por isso não pode haver pressa e também não pode haver travão, mas amor. É esta a nossa identidade!».

a cura della redazione

Focolarinos sacerdotes

Identidade e profecia

Radicados no disígnio da Obra de Maria

Iniciamos pelo fim: no encerramento do encontro dos focolarinos sacerdotes, realizado de 21 a 24 de dezembro de 2015 em Nemi, na região dos Castelos Romanos (Itália), podia-se dizer: «Vimos para compreender melhor a nossa identidade de focolarinos sacerdotes, mas, para nossa surpresa, aquilo que descobrimos e aprofundámos foi a nossa identidade de "popi", de focolarinos, e, por conseguinte, entrámos ainda mais no extraordinário desígnio da Obra de Maria».

A Emmaus deu o tom a este encontro um pouco especial, em que participaram quase todos os 63 focolarinos sacerdotes do mundo: especial, porque há muitos anos que não se fazia um encontro assim, pois - como recordou a Emmaus - nos tempos de Chiara Lubich «era normal que ela, de vez em quando, chamasse os focolarinos sacerdotes, para falar com eles do sacerdócio "mariano"».

Foram os textos nascidos ou comunicados por Chiara nessas ocasiões a fazer de moldura a este encontro, em que participaram também todos os membros do Centro dos focolarinos e os membros da comissão - mista - que, nos últimos anos, tem procurado aprofundar este sacerdócio «*ainda um pouco misterioso*», como o definiu a Emmaus. As várias intervenções de Chiara realçavam que o sacerdócio dos focolarinos está profundamente

radicado, ou melhor o «caráter sacerdotal» do ramo masculino, prende-se profundamente à história e à experiência da Obra: o seu ser uma dádiva de Maria, a sua pura orientação a Jesus Abandonado, a sua plena inserção na vida de focolar e da Obra.

Coube a uma focolarina e a um Bispo aprofundar esta visão. Florence Gillet apresentou a espiritualidade de Chiara na perspectiva do sacerdócio real, comum a todos os batizados. O Ideal, e é este o seu pensamento central, convida-nos a ser plenamente Jesus, a tornarmo-nos assim mediadores, isto é, sacerdotes para o mundo.

Mons. Giuseppe Petrocchi, arcebispo de Áquila (Itália), tinha-se oferecido para apresentar uma teologia do sacerdócio, segundo e depois do Concílio Vaticano II. Mas acabou por ser um tema extraordinário sobre a eclesiologia da Obra de Maria, sobre o seu ser plenamente Igreja. Encorajou todos a viver radicalmente o nosso Carisma, a ser realmente aqueles que devemos ser, para realizar assim o nosso ser Igreja. As focolarinas e os focolarinos são Igreja - disse o Bispo - enquanto são plenamente filhas e filhos de Chiara, à qual foi dado um Carisma na Igreja. Consequentemente, também os focolarinos sacerdotes realizam o seu ser sacerdotes sendo plenamente focolarinos, bem inseridos no seu focolar e como plena expressão da Obra. Só assim poderão oferecer à Igreja a graça de um



Em 2016 serão ordenados sacerdotes mais cinco focolarinos: Roberto Almada, do Centro dos focolarinos; Chun Boc Tay, da Tailândia; Claudio Battistutti, de Roma; Froi Fajardo, de Tagaytay e Mario Arakaki, de Lima

sacerdócio novo: o sacerdócio mariano.

Sobre esta base - quase profética - era natural falar também de aspetos jurídicos, em particular no que diz respeito à questão ainda aberta da incardinação dos focolarinos sacerdotes. Dado que um sacerdote só pode agir com uma ligação jurídica com uma autotidade eclesiástica, e a Obra, na qualidade de associação privada, não goza de tal autoridade, os focolarinos sacerdotes estão ligados às Dioceses dos Bispos que os ordenaram. Chiara tinha sempre sonhado com uma incardinação (vínculo jurídico autónomo) dos focolarinos sacerdotes

na Obra. Foi feita uma tentativa, há alguns anos, que não resultou. Agora está-se a estudar - com a ajuda de mons. Christoph Hegge, canonista e bispo auxiliar em Münster (Alemanha) e do p. Silvestre Marques, também ele canonista - uma nova fórmula para conseguir este objectivo, sem criar uma associação própria e sem dever mudar os Estatutos gerais da Obra. Os primeiros resultados dos trabalhos feitos foram recebidos pelos focolarinos sacerdotes com um grande consenso. Espera-se poder conseguir explicar bem à Igreja a visão profética deste sacerdócio especial.

Sob a orientação do copresidente, Jesús Morán, e do responsável central dos focolarinos,



Flávio Roveré, o encontro foi também um encontro operativo. Em vários momentos trabalhou-se em grupos sobre algumas temáticas, como, por exemplo:

- a formação permanente dos focolarinos sacerdotes;
- o eventual papel dos focolarinos sacerdotes no acompanhamento espiritual dos membros da Obra;
- o agir dos focolarinos sacerdotes em nome e como expressão de toda a Obra;
- a comunicação da figura do focolarino sacerdote no interior do Movimento.

Definitivamente, esclareceu-se que estes sacerdotes são, antes de tudo, «focolarinos». Quer dizer que o exercício do seu ministério não condiciona nem limita o seu ser «popi», filhos de Chiara. «*Não devemos estar preocupados com o que devemos fazer como sacerdotes ou como o*

devemos fazer - disse Jesús Morán. Só devemos estar preocupados em ser verdadeiros focolarinos e verificá-lo sempre na vida de unidade».

A Emmaus, que voltou para a conclusão do encontro, mostrou-se plenamente satisfeita com os resultados. «*Conseguiram fazer coisas muito bonitas*» sublinhou. Depois expressou uma espécie de profecia, partindo da leitura da liturgia do dia, onde Deus dizia a David: «*Prepararei um lugar para o meu povo de Israel e nele o instalarei, para que habite nesse lugar, sem que jamais tenha receio*»⁽¹⁾. Era quase a promessa de Deus para resolver a questão da incardinação.

(1) Tradução pela Liturgia Diária de 24-12-15

Joachim Schwind



Sacerdotes e diáconos focolarinos "Fora de série" da unidade

Quatrocentos viveram de 12 a 15 janeiro, em Castel Gandolfo, o seu retiro anual num clima de grande alegria

No congresso faltavam os sacerdotes e diáconos da Europa Central, que se vão encontrar no início de fevereiro em Viena. Há a exigência, de facto, de alternar: um ano todos juntos e um ano nas Zonas. Este ano, em Castel Gandolfo, estavam presentes da Itália, da Europa ocidental e oriental e alguns dos continentes extraeuropeus.

O tema, conhecemo-lo, é a unidade, e o título dado ao retiro foi: «Unidade: o nosso Carisma». Das impressões recolhidas podemos dizer que estes dias se orientaram para: «um voltar, com Chiara, ao coração do Paraíso» e a «Chegámos ao cimo no Tabor, com a Emmaus, mas, com Chiara, subimos para abraçar Jesus abandonado, que nos foi novamente revelado».

O *incipit* com a segunda parte do tema sobre a unidade, de Chiara em 1981, fez elevar o clima espiritual imediatamente: «o vídeo oferece a ocasião de renascer à plenitude da alegria de que fala Chiara, quando se vive a unidade. É uma realidade que não pode estar só subentendida, porque pede a morte de nós mesmos. Noto a graça de poder dar este passo mais uma vez, convosco neste retiro», «"Unidade e nada mais" é uma realidade para se recordar constantemente porque, caso contrário, damos a prioridade às atividades pastorais", "A Unidade

é Jesus", uma afirmação que faz perceber a importância da encarnação».

Meditações sobre o Ideal da unidade de manhã e, à tarde, uma «janela sobre a Obra» para compreender a beleza de «sair», «devidamente preparados» com o Ideal da unidade, que é «Dádiva», «Empenho», «Objetivo» (como disse a Emmaus). Um dos objetivos são os cinco diálogos. Os sacerdotes sentiram que deveriam dedicar-se preferencialmente mais a estes.

Mons. Petrocchi, arcebispo de Áquila, magistralmente apresentou-nos Maria, qual modelo para o nosso sacerdócio. Interessante a focalização sobre a relação entre unidade e meios de comunicação, com a presença dos dois Conselheiros do centro, Cecilia Capuzzi e Paolo Loriga, e alguns comunicadores empenhados nos nossos media: comunicações sim, mas tendo em vista o fazer transformar todos «um só corpo». A Vera Araújo, através dos escritos sobre o «Paraíso de 49», tornou mais clara a «nova antropologia teológica» que eles contém. Jesús Morán indicou um caminho para atualizar a vocação do sacerdote focolarino, charneira entre a Igreja e a Obra.

No final congresso alguém disse: «Sobre a unidade, nós sacerdotes focolarinos, deveríamos ser «os "fora de série"».

ao cuidado do centro dos sacerdotes focolarinos

A plenitude da alegria que nasce da unidade

**Encontro internacional dos seminaristas.
No centro dos trabalhos o tema da unidade e os frutos que dela vêm**

África, América Latina e Europa: foram estes os continentes representados pelos cinquenta e cinco seminaristas, reunidos em Castel Gandolfo, para o nosso retiro anual. Com o mote «*Que todos sejam um*» (Jo 17,21), apontámos diretamente à unidade. Desde o início criou-se uma atmosfera de família, reforçada pelo facto de que o congresso decorreu contemporaneamente com o das gen3, com as quais partilhámos alguns momentos.

Três palavras, tratadas no tema sobre a unidade pela Emmaus, acompanharam todas as reflexões sobre como a unidade é uma *dádiva*, *empenho*, *objetivo*. Foi muito importante refletir sobre a unidade como uma *dádiva*, porque dada por Deus e expressa através de um Carisma oferecido a Chiara Lubich, que procurou, desde o início, levá-lo à humanidade. Mas isto - disseram-nos - pede a cada um *empenho*. E eis aquilo que podemos fazer: viver o amor recíproco entre nós, seguindo o mandamento de Jesus: «*Amai-vos uns aos outros como eu vos ame*».(Jo 15,12). Enfim, os nossos olhos devem voltar-se para o fruto deste amor, isto é, o *objetivo*, que se deve levar àquela humanidade desejosa de Jesus, que é o «*Ut omnes unum sint*»

A intervenção de Jesús Morán permitiu-nos encontrar muitas pérolas preciosas para

a vida concreta.«*A unidade é uma exigência do homem –isto é, nós somos feitos para a unidade, fomos criados por amor e vimos do amor para sermos uma dádiva uns para os outros*» E depois: «*Todos são candidatos à unidade, portanto, devemos criar uma cultura de unidade onde quer que estejamos [...].O fundamento da unidade é Jesus [...].se fores uma pessoa que leva a unidade dentro de ti, tu crias a reciprocidade*». Seguiu-se uma troca de experiências muito profundas entre Jesús e os seminaristas, num clima fraterno e sincero.

Muitas coisas permaneceram no coração de todos. Houve quem ficasse tocado pelo esforço de se criar unidade, mesmo se eram de diversos Países. Um outro dizia: «Devo deixar-me inamorar por Jesus, deixando perder tudo aquilo que não for Ele» e outro sublinhava: «Diante das bonitas experiências que foram contadas, senti-me interpelado pelo seu amor concreto. Também eu quero viver assim, doando-me a todas as pessoas»

Importante para todos foi perceber que o fruto da unidade é a plenitude da alegria. Regressámos a casa com o desejo de levar Jesus, fonte de unidade, ao mundo que tanto tem necessidade desta alegria, que vem do encontro com Ele no irmão

pe. Zbyszek Wolkowicz



Escola Gen3 itinerante

Em viagem para crescer,
encontrar, levar a unidade



Castel Gandolfo, Roma, Assis, Loppiano, Trento: as principais etapas da escola gen3, que se concluiu a 13 de janeiro passado. Participaram 79 gen3 da Malásia, Coreia, Uruguai-Paraguai, Brasil, Argentina e África do Sul.

Data do início, 26 de dezembro. Data oficial, porque, desde a viagem de ida – aventureira para muitas, com horas e horas passadas no aeroporto mesmo na noite de Natal – e as várias atividades para financiar as viagens, a escola gen3 começou bastante antes.

«Preparativos e dificuldades integraram-se com o que aprendemos durante a escola. Se pudesse, escrevia um livro sobre estes dias! Como não posso fazê-lo, pergunto: o que é que Jesus me quer dizer? Com o tempo descobrirei cada vez mais, mas o que sinto agora, depois do meu casamento com Jesus Abandonado, é dar provas deste amor tão grande que Jesus me dá e levá-lo ao mundo, abraçando-O nos momentos difíceis» (Paula)

Preparar-se para a escola não só com recolha de fundos, autorizações dos pais e professores: «Quando soube da escola, parece que senti um chamamento especial de Deus. Este é o Ideal que desejo com todo o meu coração» - escreveu a Emily.

Logo que chegámos a Castel Gandolfo, fomos ter com Chiara na capela e na sua casa, encontrámo-la também através dos seus objetos, dos seus hábitos, das histórias de quem

«Saber mais sobre Chiara, vê-la uma gen como nós, que luta pelas mesmas ideias, pelo seu Ideal, inspirou-nos a ser como ela, a sermos juntas uma geração de santos!» (Clara)



viveu com ela. A mesma impressão em Trento.

Passando diante da casa dos primeiros focolarinos, porque não tocar à campainha? Dito e feito! Marco Tecilla recebeu-nos com alegria e, depois de nos ter contado algo da sua vida, perguntou: «E alguma de vocês sentiu o chamamento para seguir Jesus?». Quatro levantámos a mão e confiámos-lhe também os nossos medos. O Marco disse que a nossa primeira vocação é ao amor. Basta continuar a amar, porque,



assim, Deus pode manifestar-se plenamente.

A 30 de dezembro estávamos na praça de S. Pedro. O Papa saudou-nos e encorajou-nos «*a ser mensageiros de solidariedade entre as nações e testemunhas da alegria e da esperança*».

Em Loppiano burilámos o nosso ser pessoas, criadas por Deus com talentos por descobrir e para pôr a render. Com a ajuda de alguns profissionais em música, empenho social, teatro, recitação, dança e jornalismo, descobrimos alguns e exercitámo-nos neles, vendo como podem ser aquela característica que Deus nos dá para amar quem está ao nosso lado, levar a unidade à nossa cidade e ao mundo inteiro.

O momento mais forte da escola foi o dia



Por fim, em Trento, recebidas no lindíssimo Centro Mariápolis Chiara Lubich. Jesus no meio continuou a crescer, também através dos instrumentos da nossa vida de unidade. A Maria Glória explica: «A língua e as várias culturas não foram obstáculos: até às gen3 dos locais mais distantes, senti como irmãs! Fizemos a hora da verdade e serviu para nos orientarmos no caminho da santidade. Quero “trabalhar” para melhorar aqueles pontos que as gen3 me indicaram, porque senti que era um ato de amor».

A Luciana resume assim estes dias: «A escola foi um novo encontro entre mim e Jesus, um momento para descobrir quem sou eu e o motivo pelo qual estou aqui. É uma coisa incrível que não acabará quando formos para casa, pelo contrário, será apenas o início. Agora tenho a certeza absoluta que quero um mundo melhor com mais unidade e paz».

«O que fez com que esta experiência fosse



«A escola ajudou-me a resolver as minhas preocupações e o que me era difícil de compreender na vida quotidiana. O Ideal da unidade cresceu dentro de mim e agora posso receber Jesus Abandonado plenamente. Dantes, não sabia como amá-Lo» (Ginetta)

dedicado a Jesus Abandonado. Algumas tiveram encontros especiais com Jesus Abandonado. A Khanyi, contando sobre a perda da mãe, disse: «Reli muitas situações dolorosas com uma luz nova, a de Jesus Abandonado. Sinto um relacionamento novo com Deus e uma nova alegria».

A partilha das experiências foi uma ocasião para crescer humana e espiritualmente, como confirma a Luisina: «Renunciei à minha festa dos 15 anos para vir e não poderia ter escolhido melhor! Volto feliz! Agora posso confirmar que esta é a vida que quero viver. Gostei muito do “casamento” com Jesus Abandonado, sempre que me encontrar com a cruz, renovo o empenho com Jesus».



«Levo no coração uma frase, será o meu lema: “o amor vence tudo”. Resume o que vivemos e dá-me confiança para confiar tudo a Jesus. Continuarei a construir a unidade na minha cidade, como Chiara fez». (Maria Angelica)

única – dizia a Daniela – não foram os locais, mesmo se são muito bonitos, mas foram as gen3, as focalinas, as pessoas que falaram conosco... Pela primeira vez vi muitas culturas diferentes juntas! Agradeço a Deus e a quantos tornaram possível esta escola».

Ao cuidado de Sara Felli

Marco Tecilla: «Sinto-me como um tronco velho rodeado de flores lindíssimas»



Gen3 na Nigéria

Uma competição ganha por todos

Os ataques do grupo fundamentalista Boko Haram, as violências, os atentados: desde há alguns anos que a Nigéria vive realidades difíceis, com tensões e conflitos. Feridas abertas em toda a sociedade, que também os jovens vivem em primeira pessoa

Recentemente na Nigéria os gen3 tiveram o seu congresso. Entre as mensagens chegadas, a da Emmaus que, por sms, assegurava a sua proximidade e o encorajamento. Esteve presente no congresso Agostino Spolti, responsável mundial do movimento gen3 e de Jovens para a unidade.

«Estamos a viajar, o nosso carro carregado com colchões faz uma paragem para dar boleia a alguns gen3. Vamos para Igbarian, uma aldeia a 40 quilómetros da cidade de Onithsa, no sudeste do País, onde está presente uma comunidade dos Focolares. Os gen3 da Nigéria marcaram encontro ali. Percorremos estradas de terra batida, onde as últimas chuvas deixaram sulcos que tornam a viagem movimentada.

À chegada, os gen3 dividem-se em pequenos grupos chamados “unidades gen”, onde cada um dá o seu contributo. Assim há uns que, para prepararem o pequeno almoço, o almoço e o jantar, se levantam às 5.30 e, depois da Missa das 6.00, apanham a lenha para acender o fogo, enchem as panelas de água... Não falta o desporto com jogos de futebol e torneios de ping pong. Uma competição de atos de amor que envolve todos, pequenos gestos que realçam a atenção de uns pelos outros. **“Sentimo-nos os principais responsáveis**

por aquilo que mais desejamos: viver como verdadeiros gen3”, confia um deles. Sisto e Jean Bosco, dois gen2, fazem concretamente de anjos da guarda.

Vai-se em profundidade através do diálogo, perguntas, escuta. Uma panorâmica sobre atividades gen3 no mundo, com muitas experiências, faz descobrir o verdadeiro “campo de futebol” no quotidiano onde nos treinamos. **“Não consigo descrever – conta um gen3** – a alegria daquela noite quando, cansado, me fui deitar, depois de ter perdoado a um colega de escola. Desde aquele dia, todas as manhãs, ele espera por mim para fazermos o caminho juntos”. Um outro, de 14 anos, vive com a tia, porque os pais se separaram. Com o passar do tempo transforma-se, e convida a mãe a passar um dia no congresso.

No último dia estiveram presentes também as gen3. Preparámo-nos juntos para o programa deste ano: viver as Obras de Misericórdia. Fizémos festa a cinco gen3 que passam a gen2. Agradecemos a Deus por aquilo que vivemos. Para mim, foi uma confirmação futura, lindíssima, de como os jovens estão desejosos por experimentar relacionamentos verdadeiros e apreciar coisas belas».

Agostino Spolti

Formação Gen2

Cidadelas, potencialidade de vida

Primeiro encontro-laboratório para os responsáveis das Escolas gen2 no mundo

As Cidadelas que têm uma escola gen2 são doze, no mundo: Mariápolis Renata (Itália), Mariápolis Lia (Argentina), Mariápolis Ginetta e Mariápolis Glória (Brasil), Mariápolis Luminosa (Estados Unidos), Mariápolis de Fontem (Camarões), Mariápolis Piero (Quênia), Mariápolis Paz (Filipinas), Mariápolis El Diamante (México), Mariápolis Foco (Suíça), Mariápolis Nova Lei (Alemanha) e o Centro



Mariápolis da Colômbia. Este ano, pela primeira vez, encontrámo-nos em dezembro, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, com os responsáveis destas doze escolas. Também a nossa foi uma «escola» de vida, com Jesus Mestre, que conduziu o nosso trabalho, com muita comunhão e enriquecimento recíprocos. Que potencialidade de vida nas várias Cidadelas! Encontrámo-nos uns no «céu» do outro, ao ponto de podermos dizer «aquilo que é meu é teu».

A presença de vários membros do Centro da Obra sublinhou a importância das Cidadelas ao serviço das novas gerações.

Percebemos ainda melhor a metodologia de Chiara, que nasce do Carisma. Neste caminho já traçado, elaborámos um esboço de



projeto formativo, que depois poderá encontrar uma aplicação mais concreta segundo os vários contextos onde estamos com as novas gerações. A base comum é a paixão em poder acompanhar os gen2 e as gen2 numa experiência de vida, que possa ser espelho da dinâmica trinitária, para se ser aquele homem-mundo que a humanidade espera. Deu-nos uma alegria particular constatar a sintonia do trabalho feito com aquilo que Chiara tinha dado como caminho, quando nasceu a primeira escola gen. Parecia-nos ver, mais uma vez, Chiara a trabalhar no hoje da Obra.

Estamos gratos por este tempo de atualizações que estamos a dividir com toda a Obra, verdadeira comunidade educativa.

Os focolarinos e as focolarinas das Escolas gen2



"Social-One"

Reconhecer o amor que existe na sociedade

Três importantes etapas no caminho desta «Inundação»

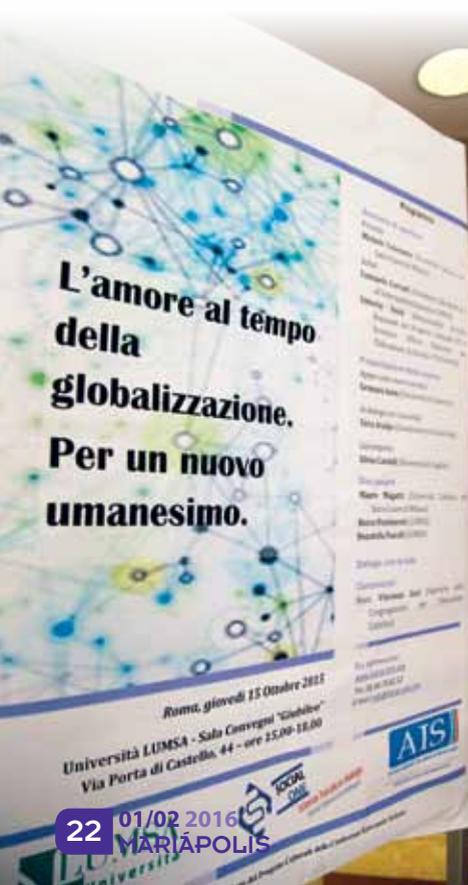
"Social-One", a «Inundação» da sociologia e do serviço social, iniciou há já alguns anos um percurso de estudos e investigação sobre um original e inovador âmbito das ciências sociais: a dimensão social do amor. O encontro com o pensamento de alguns autores contemporâneos suscitou uma reflexão profunda sobre este tema que, por muito tempo, foi deixado à margem da reflexão sobre a sociedade e as relações humanas. Qual é o lugar do amor na sociedade? Poderá o amor, enquanto categoria de pensamento, ajudar-nos a explicar alguns dos fenómenos sociais?

Para responder a estas interrogações, a recente experiência da *Social-One* concretizou-se, podemos dizer, através de três grandes etapas.

Mesmo estando a palavra amor pouco presente na tradição das ciências sociais, alguns autores falaram deste conceito. Existem livros e pessoas sábias que analisam certos temas que dele se aproximam, se bem que de formas diferentes: a oferta, o altruísmo, a solidariedade, a reciprocidade, além de outros. Deste modo, um primeiro passo, que é fundamental para a "Social-One", foi estudar cuidadosamente tudo quanto se disse sobre o amor nas ciências sociais, e esboçar as diferenças em relação a conceitos aparentemente semelhantes.

Em 2014, para estudar este tema, foi concedida uma bolsa de estudos na Universidade de Cagliari (Itália), o que possibilitou iniciar um percurso de investigação intensa e produtiva.

O relacionamento com muitos estudiosos foi valioso pois, com o passar do tempo, se apaixonaram deste projeto científico e intelectual, tornando-se "companheiros de





viagem" de Social-One. Por isso, formou-se uma comissão científica composta por professores universitários e especialistas a nível internacional, uma rede de pessoas que deram a sua importante contribuição cultural ao projeto, mas sobretudo, que proporcionaram a oportunidade de estabelecer relacionamentos com um grande valor humano.

A segunda etapa do caminho destes anos caracterizou-se pelo contacto com os que podem ser definidos "protagonistas" do pensamento contemporâneo. Sobretudo com cinco dos investigadores com quem se dialogou e que foram interpelados: Luc Boltanski, Michael Burawoy, Anna Maria Campanini, Axel Honneth e Paulo Henrique Martins. Com eles surgiu um debate profundo e consciente sobre a oportunidade do conceito de amor nas ciências sociais dos nossos dias.

A partir da primavera de 2014, o projeto de pesquisa sobre o amor foi apoiado pelo Projeto cultural da Conferência episcopal italiana. O reconhecimento do projeto foi muito importante, porque impulsionou e deu-lhe visibilidade também no âmbito da própria comunidade eclesial apoiou o seu desenvolvimento e difusão.

A terceira dimensão do projeto da "Social-One" consta de uma bagagem de estudo de casos, através da qual se torna «visível» o amor na sociedade: a experiência de diálogo inter-religioso, entre cristãos e muçulmanos, numa

comunidade magrebina, a ação do serviço social numa autarquia italiana, a distribuição gratuita de «bens não cobrados», quer dizer oferta a quem necessite de bens de consumo tais como produtos de mercearia, livros ou um simples café, comprados por

alguém e deixados para quem necessitar. Em todo o caso, trata-se de ações concretas da vida diaria das pessoas, realidades nas que se vê expressa uma relação de amor.

O livro *O amor em tempos da globalização*, publicado em maio passado na editorial "CittàNuova", representa o último passo deste extenso trajeto da Social-One. O livro (v. *Mariápolis* n. 8-9/2015) foi apresentado durante dois importantes eventos nas Universidades 'La Sapienza' e 'Lumsa' de Roma.

A «Social-One», no final do ano de 2015, viveu ainda um outro momento importante. A Vera Araújo, que por muitos anos foi a responsável da «Social-One», além de ter sido a inspiradora e primeiríssima protagonista do nascimento desta Inundação, deixou o seu testemunho a Silvia Cataldi, investigadora em sociologia na Universidade de Cagliari. A Vera continua a fazer parte da comissão central da «Social-One» e desenvolve muitas atividades, na sua cidade de origem no Recife (Brasil), na cidadela Santa Maria.

Para 2016, a «Social-One» já tem um vasto calendário de compromissos nas Universidades italianas e do estrangeiro, assim como muitas ocasiões para se reunir com outros estudiosos, que são possibilidades para alimentar o diálogo no mundo da cultura e para que o carisma da unidade se difunda.

Andrea Gallelli



Zona Itália Construtores de paz

Juntos, cristãos e muçulmanos de várias regiões de Itália, para serem testemunho concreto da fraternidade

Uma jornada que contribuiu para aprofundar os relacionamentos entre as várias comunidades islâmicas e as do movimento dos Focolares, espalhadas em Itália: um passo em frente no assumir a responsabilidade concreta de «sair» juntos, em direção às necessidades do País, que foi expressa de várias formas, no «Pacto de Proximidade e Colaboração» (ver www.cittanuova.it). Este é um dos frutos do encontro que, no dia 13 de dezembro em Roma, reuniu 450 pessoas cristãs e muçulmanas, de várias regiões de Itália, para juntas serem um testemunho de que é possível a fraternidade. Famílias, muitos jovens com o Imã, partilharam o caminho que se consolidou durante os anos, e que veio publicamente mais em evidência e que é esperança para uma trajetória futura.

Encontraram-se na Praça de S. Pedro para, durante a tarde, prosseguir, na sala augustiniana, com um programa muito rico, pensado e preparado em conjunto por pessoas do movimento e amigos muçulmanos.

Emergiu claramente, sobretudo, a necessidade de se comprometerem em ações com as novas gerações, em favor da promoção da educação para a paz. Sobre este tema houve também uma ampla convergência com os movimentos eclesiais, que estavam presentes, especialmente com a AGESCI e a Ação Católica, que manifestaram expressamente o desejo de continuar a colaboração já iniciada.

Outro aspeto importante foi a dimensão nacional do evento, que deu uma maior visibilidade às muitas atividades e manifestações realizadas pela paz e pelo diálogo, por cristãos e muçulmanos em todo o País.

A saudação do papa Francisco, pronunciada durante o Angelus, foi um significativo estímulo. «Saúdo também os membros do Movimento dos Focolares e os seus amigos de algumas comunidades islâmicas. Sigam adiante! Continuem em frente com coragem, no vosso caminho de diálogo e de fraternidade, porque todos somos filhos de Deus».

Num clima de muita escuta e verdadeira alegria, devido às apreciadíssimas palavras do Papa, durante a tarde, contaram-se muitas experiências de comunhão e verdadeira fraternidade. Mencionamos só algumas frases: «Nesta sala, hoje foi aberta uma Porta Santa. Desarmados, em nome de Deus, penetrámos nos desafios de hoje para levar a paz». «Nesta sala estamos na linha da frente de uma guerra. Mas de que guerra? Se alguém quiser levantar muros de divisão, nós estaremos na primeira fila com as armas da confiança, da colaboração, do amor recíproco, do intercâmbio, do diálogo. Não podemos ser senão irmãos». «O Papa Francisco estimulou-nos a trabalhar e dialogar juntos; as suas palavras são importantíssimas, pois são uma voz universal para a paz».

Aurora Nicosia

Partilhar os receios, dialogar com todos

Experiências de acolhimento de imigrantes e refugiados em duas «comunidades locais»

«Escrevem da comunidade de Strehlen-Dresda, na Alemanha: Em certos lugares da nossa região existe uma grande resistência em relação aos imigrantes, há muitos receios. Por isso pensámos em criar uma iniciativa para estabelecer um diálogo aberto entre todos, para partilhar os medos e incertezas e oferecer possibilidades de encontro e conhecimento. Todos os sábados de tarde nos reunimos com alguns grupos de refugiados, num clima de amizade e de amor recíproco concreto. Participam famílias, crianças, estudantes e, todas as vezes, gera-se uma grande generosidade e nasce uma ampla comunhão de bens e de talentos. Percebemos como é que o amor consegue transformar tudo: pessoas tristes, fechadas em si mesmas, assustadas, abrem-se e encontram-se como irmãos e irmãs. Experiências semelhantes realizam as nossas famílias noutras «comunidades locais».

De Görlitz, contam-nos: «Estamos a descobrir de um modo diferente a nossa específica função, aquilo que Chiara sempre nos disse: 'ser portadores de paz e de unidade'!».

«Certo domingo, na minha paróquia, distribuíram uns panfletos - conta uma focolarina casada de Vicenza (Itália). Entre outras coisas pediam disponibilidade de tempo para, de quinze em quinze dias, preparar



cestas para as famílias necessitadas da cidade. Senti-me interpelada e, de acordo com o meu marido que também é um focolarino, decidi comprometer-me. Com o Presidente da Caritas e outra senhora, com o maior amor possível, enchemos os cestos, confiando na intervenção da Providência.

Antes do Natal, o Presidente disse-me que havia oito imigrados a quem poderíamos ir visitar e conhecer. Ele soube que daí a dias nos íamos reunir com a comunidade dos Focolares, para o intercâmbio de boas festas de Natal e perguntou se não poderia ser nesse momento. Todos estavam de acordo e por isso estávamos 70 a almoçar com estes jovens novos amigos. Um contou-nos a sua história. Vimos alguns *flashes do Collegamento*. Passados poucos dias, voltando à paróquia, o próprio Presidente da Caritas abordou o sacerdote dizendo "foi muito bonito, prepararam tudo muito bem. Depois fizemos um sorteio onde todos ganhavam e, se não estivessem satisfeitos com o prémio, podiam trocar por outro. Era tudo novo para mim. Agora podemos voltar a fazer esta experiência na paróquia». Entre os convidados, que vieram com os imigrantes à tarde, estava também uma que nos ajudou, fazendo de tradutora. Abraçando-me disse: "Que domingo maravilhoso vivemos».

a redação



Gen Verde Do «Outro Lado»

Na 'tournée' do conjunto internacional Gen Verde na Grã-Bretanha: a força do convite a «pôr-se do lado do outro» num momento particularmente delicado para a Europa e numa realidade ecuménica e interreligiosa



Nunca como hoje foi tão necessário falar de paz, ser testemunho, assumir pessoalmente o grito de dor do mundo e responder com a força da esperança que vem do diálogo. Diálogo com os que me parecem estar a anos-luz de mim, para depois descobrir neles o que é similar, especialmente nas feridas que trazem. A propósito disto, citamos a canção de abertura do novo concerto, de autoria do Gen Verde, que com força repete: «Para mim, ninguém é estrangeiro».

«Várias pessoas nos disseram que parece um espetáculo político, porque trata de todas as questões chave que hoje enfrenta a humanidade.» É o que escrevem sobre o espetáculo do Gen Verde «On The Other Side» as focolarinas que estiveram em *tournée* no Reino Unido, desde outubro até dezembro de 2015. «Esta viagem foi totalmente pedida e organizada pelas comunidades dos Focolares da Grã-Bretanha - explica a Sally McAllister, a *manager* do grupo - que

desejavam abrir «os braços e corações» a todos, e que o queriam fazê-lo juntos, para ajudar a recompor os relacionamentos, a desarmar os ódios e desconfianças».

Espectáculos, concertos musicais e *workshop* levaram estas focolarinas à Escócia, ao país de Gales e à Inglaterra, impressionando em teatros, escolas, comunidades eclesiais católicas, anglicanas e da «Igreja de Inglaterra». Na histórica catedral anglicana de Ripon, no nordeste da Inglaterra, a comunidade local dos Focolares esteve na primeira fila da preparação dos eventos. «Os últimos meses - contam elas - foram para nós uma bonita experiência da força de uma comunidade local, que trabalha em conjunto por um objetivo comum. A contribuição de cada um foi indispensável e fez avançar a planificação e a concretização, com um constante estímulo recíproco a ultrapassar as nossas limitações».

Em Ripon, além do concerto na catedral, houve também uma jornada de *workshop* para jovens, com a presença de dois Bispos anglicanos, que se integraram num vivo diálogo com a assembleia. «Conhecer em Ripon um grupo tão etnicamente misto foi maravilhoso - disse uma jovem do *workshop* - tive vergonha por só falar uma língua. O Gen Verde relacionava-se com todos nós, apesar de, para a maior parte dos presentes, o inglês não ser a sua língua materna».

Os ecos dos concertos e atividades com os jovens chegam-nos de todas as cidades, onde o Gen Verde também trabalhou para o diálogo





inter-religioso: no final do projeto com os jovens, as integrantes do Conjunto foram diretamente para o Centro islâmico da Grã-Bretanha, onde o Imã, doutor Mohammad Shomali, tinha organizado um jantar com o grupo dos seus jovens, para que conhecessem

tanto o Ideal como o Gen Verde. O Imã, fazendo um paralelismo entre a vida deles e a dos Focolares, disse que ele via plenamente vividos, pelo nosso Movimento, muitos dos importantes valores para os muçulmanos. Ao final da noite, o dr. Shomali afirmou: «Em momentos difíceis como os que vivemos, é muito importante encontrarmo-nos e dar a conhecer ao mundo a amizade, a confiança que existe entre nós. Espero que possamos trabalhar mais, juntos».

Houve uma adesão imediata entre os jovens! Um deles disse: «É este o espírito que eu sempre busquei. Como é que eu posso conhecer mais?».

Um dos últimos compromissos do Gen Verde foi o projeto para os jovens de Birmingham, patrocinado pela Nishkam School da comunidade sikh. Participaram cinco escolas de rapazes muçulmanos, cristãos e sikh.

Uma jovem: «Nós vimos de comunidades muito diferentes mas, depois destes *workshops* parece que nos conhecemos desde sempre». Um dos *workshops* era realmente especial: quatro jovens músicos sikh, juntamente com o Gen Verde, criaram para o espetáculo uma composição inédita, com instrumentos tradicionais como uma *sitar*, [Sitar é um instrumento musical de origem indiana, que é da família do alaúde. É um símbolo da música da Índia]. *tablas*, [Tabla é um instrumento musical de percussão, muito usado na Índia, normalmente em músicas devocionais] *dilruba* [também chamado harpa indiana, é um

instrumento de cordas] e *thaanpura* [tambura, é um instrumento de corda pulsada da Índia, que se usa para manter os sons] todos eles em diálogo com outros instrumentos do mundo inteiro.

O concerto final foi uma explosão de alegria! Depois da conclusão, o Gen Verde fez uma entrevista a BhaiSahib Ji, responsável da comunidade sikh de Birmingham. Ele explica que, devido à forte crise da família também na Grã-Bretanha, falta um projeto educativo global e pergunta «Onde foram parar os valores como a compaixão, a verdade, a felicidade, a humildade e a capacidade de amar? Onde é que os nossos filhos os poderão aprender? E continuou: a vossa mensagem é importantíssima; «On The



Other Side» significa ser o outro; se pensarmos só em nós não chegaremos a nenhuma parte». Também o arcebispo de Birmingham, Bernard Longley, afirmou: «Nós, que somos *líderes religiosos* desta cidade, recebemos um novo estímulo ao ver que estes valores se enraízam nos corações e no pensamento dos jovens que estiveram convosco. Temos a certeza que a semente plantada vai florescer e dar frutos».

Alessandra Pasquali

Terminada a etapa da Grã-Bretanha, o Gen Verde vai continuar a tournée «On The Other Side». Durante janeiro e fevereiro será na Ásia (www.genverde.it).

Nestes últimos meses, três focolarinos dos primeiros tempos juntaram-se a Chiara no Céu, reconstituindo com ela o primeiro focolar, a partir do qual a Obra e todos nós nascemos. Além da Silvana Veronesi, da Dori Zamboni e, enquanto estávamos a organizar esta edição da revista, do Turnea Giorgio Martelli (de quem falaremos mais aprofundadamente no próximo número), «partiram» mais oito focolarinas e focolarinos, que aqui recordamos de forma sucinta. Os telegramas da Emmaus relativos à Silvana, Dori e Turnea e os perfis que foram lidos nos funerais, podem ser consultados no endereço www.focolare.org/notiziariomariapoli, a fim de deixar espaço para podermos inserir aqui também outros mariapolitas celestes de outras vocações da Obra..



Silvana Veronesi

Silvana Veronesi, a mais nova das doze primeiras companheiras de Chiara Lubich, no dia 2 de dezembro, uniu-se ao Esposo, levando-Lhe em dote a realização do desígnio específico da Obra que Deus lhe deu (1929 - 2015)

Com um caráter aberto, comunicativo e não se contentando com meias medidas, a Silvana passou a sua infância em Trieste. Nos anos '40, a família Veronesi mudou-se para Trento. Uma mudança originada pelo começo da segunda grande guerra mundial, mas também - temos de pensar - por um plano que Deus tinha para a Silvana. Ainda muito jovem, um religioso pediu-lhe para ela ir ter com Chiara, que, logo num primeiro encontro, lhe participou a sua extraordinária descoberta: Deus é Amor, Deus ama-nos imensamente. Uma verdade que se torna irresistível também para a Silvana e que, de imediato, a levou a tomar a decisão de fazer de Deus o Ideal da sua vida.

Passaram algumas semanas. Chiara, verificando que a Silvana levava a sério a sua decisão, revela-lhe o segredo que move aquele primeiro grupo de raparigas: Jesus Abandonado, escolhido como o seu único tudo. «Naquele momento - contou depois a Silvana - assustei-me, pensando em todos os anos de uma vida, sempre a sofrer, mas depois lembrei-me do momento presente, que já tinha experimentado, e como se pode transformar o sofrimento em amor, momento após momento, e disse a Chiara o meu "sim"».

Uma escolha que nunca deixou. Mesmo quando, mais tarde, ao sentir - como escreveu no seu diário - «a dificuldade, o sofrimento, o abandono dos meus irmãos, a dureza de algumas situações», ela continuou a perceber que: «Tu foste sempre o Amor presente: Pai que providencia tudo. E, mesmo quando poderia parecer que havia pouco espaço para a consolação, Tu nunca faltaste e com pequenos, às vezes até quase despercebidos toques pessoais, me falavas da tua Paternidade, ou do meu ser filha».

A seguir aos primeiros anos com Chiara, na Praça dos Capuchinhos, e à fulgurante experiência do verão de '49, na Baita Paradiso, a Silvana foi para Florença, estudar Medicina. A sua vida, simples e luminosa, tornou-se um testemunho muito atraente para muitos rapazes e raparigas, com os quais começou a primeira comunidade na Toscana, incluindo também vocações ao focolar. De seguida foi para Turim e para Milão, e mais tarde, em novembro de 1960, fez a primeira viagem aos Estados Unidos e Canadá, começando assim a presença do Movimento naquele Continente.

Logo desde os primeiros anos com Chiara, sobressai em Silvana um desígnio particular, que Chiara, em 1952, descreveu assim: «a Silvana é





a ideia do primeiro ramo, o ramo das focolarinas, a "popa" por excelência: Maria Menina que, aos quinze anos, deu à luz Jesus». No final de 1961, a Silvana estava na Escola de Formação das jovens chamadas ao focolar, a quem deixou a marca do carisma, fazendo com que se dessem todas a Deus e se abrissem ao mundo. Em outubro de 1962, Chiara confiou-lhe o ramo das focolarinas.

Desde 1973 até 1990, com Peppuccio Zanghi, ficou responsável pelo movimento gen. Foram anos intensos, nos quais floresceram gerações inteiras e, com a sábia e inspirada ajuda dos dois responsáveis, os próprios jovens conseguiram elaborar as linhas mestras do recém formado movimento gen. «A Silvana - testemunha Victoria Gomez, que esteve com ela muitos anos no centro gen - conseguia que o melhor de nós viesse à superfície, tornando-nos conscientes que, através de nós, porque filhos do carisma da unidade, o mundo tinha o direito de esperar algo de belo e grande». Durante algum tempo assumiu também a responsabilidade do aspeto da Comunicação do Movimento que, entretanto, se tinha difundido em todo o mundo.

Em todas as funções a que a Silvanella - era

Loppiano, agosto de 1983. Com o Turnea, na escola Gen 2



assim que Chiara afetuosamente a chamava - se doava, transparecia a mesma paixão, o vigor do primeiro amor daquela jovem que, aos 15 anos, encontrou o seu grande Ideal e não mais o deixou. De 1990 a 2002 foi-lhe novamente confiado o ramo das focolarinas, e depois, as Zonas da Europa Central, às quais, através de encontros e viagens, levava o amor e a luz de Chiara, continuando, como desde muito jovem fazia, a construir a Obra com ela. Foi nesta sua nova etapa que se manifestou uma doença grave. Rapidamente, naquela radicalidade que a distinguiu, a Silvana renovou o seu «sim» a Deus. Depois de uma intervenção cirúrgica muito difícil, no dia 10 de abril de 2003, escreveu às focolarinas: «Este período, vivendo e oferecendo tudo por Chiara e pelos nossos do Iraque, foi para mim uma experiência nova. Sentia, no entanto, que continuava sobre a mesma linha de tudo quanto dissemos no encontro do Natal: "Perder", que é a estrada mais direta para nos aproximarmos um pouco do nosso dever ser "continuação de Maria", que é a nossa vocação para o mundo e para a Igreja de hoje».

Nos anos que se seguiram, vimos a Silvana a seguir a sua corrida até Deus, oferecendo «cada momento da minha vida - escreveu à Emmaus, no dia 21 de setembro de 2015 - para contribuir para o empenho de toda a Obra em viver o carisma».

Nos últimos meses, a doença voltou com uma certa agressividade. A Silvana, dócil à vontade de Deus como sempre, continuou a amar até ao fim, cumprindo fielmente o seu desígnio. Das últimas visitas, salienta-se a de um grupo de gen que, provenientes de vários países, passavam um período no centro gen mundial. E, revivendo o seu primeiro encontro com Chiara, a Silvana transmitiu-lhes o que ela lhe tinha dito e que desde esse dia tinha ficado esculpido no seu coração: «Tínhamos entendido que tínhamos só uma vida. Se vivêssemos 3 ou 4 vidas, poderíamos gastá-la de muitos modos, mas como só temos uma, é preciso vivê-la bem, por alguma coisa de grande, por qualquer coisa que valha a pena, por alguma coisa que fique: Deus, e nós fizemos de Deus o Ideal da nossa vida». Um conselho também para todos nós.

Doriana Zamboni

Uma outra das primeiras companheiras de Chiara Lubich - Doriana (Dori) Zamboni - no dia 26 de dezembro voou para o Paraíso. Deixa a toda a Obra um rastro de luz e obras concretas



Fantasia, era um dom que à Dori não faltava. A falta de concentração era às vezes também um dos seus defeitos, tanto que um dia - ia de comboio para Roma para se encontrar com Chiara e não conseguia preparar-se, porque vinham muitas coisas à sua cabeça - tomou uma decisão: «De uma vez por todas quero dar a Deus também a fantasia, para poder fixar-me no momento presente». Logo que chegou a Roma, foi a própria Chiara que, pensando em algumas ideias para difundir o Ideal, lhe propôs: «*Tu, Dori, que tens tanta fantasia, escreve um romance de amor!*». E foi assim que nasceu o livro "*Amor de alto nível*" (CittàNuova, 1969).



A Dori tinha 17 anos quando conheceu Chiara. Ficou fascinada por esta professora, pouco mais velha do que ela, que lhe falava como nunca antes tinha ouvido. Pôs-se nas mãos dela para recuperar o ano escolar que tinha perdido. Entre uma aula e outra, Chiara explicava-lhe frases do Evangelho e a Dori começou a seguir Chiara em tudo: amava quem encontrava, ia à Missa todas as manhãs com Chiara, ia procurar os pobres nos casebres. Numa destas visitas apanhou uma infeção

na cara: «Estava frio - contou a Dori - e porque os meus pais me tinham proibido de sair, Chiara pediu a um padre capuchinho para me levar a Comunhão. Foi naquela altura que o sacerdote disse a Chiara que o momento em que Jesus mais tinha sofrido foi quando gritou: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?". Logo que o padre se foi embora, virei-me para Chiara, tendo a certeza que me daria uma explicação. Disse-me: "*Se a maior dor de Jesus foi o abandono do Seu Pai, nós vamos escolhê-Lo como nosso Ideal e vamos segui-Lo dessa maneira*". Naquele momento - continuou a Dori - na minha cabeça, na minha fantasia, ficou impressa a convicção que o nosso Ideal era Jesus, com o rosto martirizado que grita ao Pai».

De 1958 até 1975, a Dori esteve em França, na Bélgica, na Inglaterra, nos Países Escandinavos e em Espanha. Espalhou por todo o lado aquele Amor, fruto da sua comunhão profunda com Jesus Abandonado, abraçado com entusiasmo desde que era jovem e que se tornou o seu Esposo para toda a vida.

De 1976 até 2002, Chiara confiou-lhe o ramo das voluntárias de Deus. Foram anos determinantes para o desenvolvimento desta vocação da Obra. A Dori conseguiu encaminhá-la como instrumento cada vez mais eficaz, tendo em vista a renovação da sociedade. Planeou com as voluntárias as suas linhas programáticas e organizou tudo de modo que fossem elas próprias a representar o ramo no Conselho Geral.

Outra colaboração preciosa foi prestada no grupo editorial *Città Nuova*. Recetiva à novidade e aos vários dinamismos culturais e sociais, nas

reuniões da redação - em que participou assiduamente durante muitos anos - ajudou os redatores a ficarem atentos, incentivando-os a descobrir os sinais dos tempos no difícil percurso em direção ao mundo unido. Ouvia com especial atenção as intervenções dos jovens, em quem mantinha sempre uma confiança total. Ela própria foi redatora e escritora, tendo escrito numerosos artigos para a revista e tem vários livros editados, entre os quais: *Quando a dor bate à porta* (1976), *O diálogo das giestas* (1992), *Jovens entre a droga e a esperança* (1997), *Quando Deus intervém* (2004), *'Florzinhas'* (pequenos milagres)(2002).

«Permaneci no meu amor» (Jo 15,9) foi a Palavra de Vida do Evangelho que Chiara escolheu para ela. A uma gen que lhe perguntou como a vivia, a Dori respondeu: «Permanecer quer dizer parar, não correr, não procurar, não se preocupar, não pensar no ontem nem no amanhã. Permanecer significa paz e fidelidade. Mas é preciso permanecer no Seu amor. Pode-se permanecer no amor, isto é amar, estar disponíveis, ajudar os outros. Mas o Seu amor é amor ao Reino, à unidade, à verdade, mesmo se faz sofrer. O Seu amor é amor à Cruz. Por isso a minha Palavra de Vida é também: permanecer em Jesus Abandonado no momento presente, não querer fugir para procurar soluções, mas permanecer amando. Permanecer em Jesus Abandonado, em Deus. Para mim - se eu a vivo - é meio e fim da minha vida. É para viver sempre e, se for vivida, é unidade alcançada».

Primeira testemunha da revelação de Jesus Abandonado a Chiara, a Dori fez d'Ele o lema da sua vida. E Ele "escavou" a fundo a sua alma e fê-la ser amor. Uma focolarina casada do seu focolar contava que um dia a Dori, que tinha recebido roupa de providência e já não precisava de comprar, quis dar-lhe a quantia que ela recebia para isso, para que também ela comprasse «uma roupa bonita». Um focolarino europeu, ao dar o seu testemunho sobre a vida da Dori, agradeceu-lhe por «ter sido amado por ela com sabedoria e... fantasia!».

Era o ano de 1964. Também desta vez a Dori estava no comboio: oportunidade propícia para um balanço da sua vida e da vida

da Obra. São pensamentos que mais tarde confidenciou às focolarinas: «Perguntava a mim mesma porque é que agora já não acontecem aqueles factos, aquelas experiências que nos aconteciam dantes e que todos conhecem. Porque é que, quando temos que contar qualquer coisa, temos sempre que recorrer aos primeiros tempos. Pensei quais poderiam ser as justificações: as cores para respeitar, os encontros, os programas e, nos últimos meses, o dinheiro que, para dizer a verdade, agora já não nos falta como antigamente. Via que já não existe em nós aquele amor ao próximo que devíamos ter, aquele reconhecer Jesus, de modo inocente, simples e verdadeiro, em cada próximo que passa ao nosso lado: no nosso prédio, no comboio, no autocarro. Às vezes[...]fazemos distinções entre as pessoas aborrecidas, aquelas um pouco mais idosas, ou extravagantes. E essas deviam ser, para nós, o Jesus mais amigável. Lembrem-se que "tenho um só esposo sobre a Terra": sedenta de sofrimentos, de angústias, de desesperos, de tudo o que não é Ele. [...]Por isso, sentia que temos que fazer uma verdadeira conversão: pôr-nos a amar realmente Jesus no próximo. Se não vivermos assim, o Ideal em nós torna-se vinagre e nós tornamo-nos ácidas».

Estas reflexões da Dori são um legado para todos nós, para que o carisma possa continuar a manter a sua frescura, revivendo a experiência dos primeiros tempos num tempo atual que, como outrora, está à espera deste tesouro.

Castel Gandolfo. Outubro de 2014. Com Patience Lobe e Paolo Mottironi, na Assembleia das e dos voluntários de Deus.





Narcisse Stevanato

«A quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo 1,12)

O Narcisse, um dos primeiros focolarinos casados da França, voltou para o Pai no dia 24 de novembro, aos 85 anos de idade. Nasceu na Itália e mudou-se para França, por motivos de trabalho. Em 1957, casou-se com a Nicole e tiveram três filhos. Numa altura difícil para a jovem família, o Narcisse encontrou uma pessoa do Movimento que o ajudou a não se divorciar. Foi assim que ambos conheceram o Ideal e se empenharam na Obra: ele como focolarino casado, ela como voluntária.

Milka Chiabrandò Forni

«Purificá-los-ei como se purifica a prata, e os provarei como se prova o ouro» (Zc 13,9)

A Milka, focolarina casada dos primeiros tempos, natural de Milão, chegou à Mariápolis celeste no dia 3 de dezembro, com 96 anos de idade. Era ainda estudante de Letras quando se casou com Nino, engenheiro e empresário. A família aumentou rapidamente, tendo nascido 7 filhos.

Aos 35 anos conheceu o Ideal e, logo a seguir, sentiu a vocação de seguir Deus do mesmo modo que Foco. Confiou a Chiara: «Jesus Abandonado surgiu não só como Esposo para amar em cada momento, mas quase como um novo sacramento para me alimentar e viver. Empenhou-se em Humanidade Nova e nos Diálogos do Movimento, muitas vezes com pessoas que não tinham uma fé religiosa. Com o marido, que mesmo não pertencendo ao Movimento tinha uma grande admiração por Chiara, trabalhou muito na construção das

O Narcisse era um grande trabalhador. Primeiro trabalhou na Agência Nacional Italiana do turismo, depois, de 1968 até 1994, foi diretor nacional da Ajuda à Igreja que Sofre, uma organização que, por causa da paixão, da competência e do espírito missionário que o Narcisse dedicou a este serviço, cresceu muito. Muito concreto e sempre atento para que não faltasse a unidade, quer no focolar quer na família, dava apoio à comunidade do Sul da França e dos arredores de Paris.

A Nicole tinha pouca saúde, pelo que, durante muitos anos, o Narcisse a acompanhou com muito amor, intensificando a sua presença a seu lado, tendo mesmo reduzido o seu horário de trabalho. Nos últimos tempos o Narcisse, - que depois da morte da Nicole se voltou a casar com a Jacqueline, - por motivos de saúde, viu-se impedido de ir ao focolar. Mas a sua grande sabedoria e capacidade de construir a unidade não diminuíram, e continuou a rezar e a oferecer tudo pela Obra.



residências de Loppiano e colaborou para o desenvolvimento da Obra.

Com o incentivo de Paulo VI, em 1965, a Obra organizou algumas viagens turísticas à ex-União Soviética para levar o amor e o carinho do Papa.

A Milka foi convidada, juntamente com o marido, para fazer parte de um cruzeiro com o qual o grupo (cerca de vinte pessoas da região) visitou várias repúblicas soviéticas. Aí encontraram-se com sacerdotes e pessoas indicadas pelos "Encontros Romanos". Também nesta mesma altura, a Milka agiu com sabedoria, carinho e inteligência, dando um contributo insubstituível a toda a viagem, o que foi determinante para o seu sucesso.

A sua formação humanística e a delicada sensibilidade literária serviram-lhe de inspiração para exprimir, através de bonitas poesias - no imediato e na simplicidade de criança do evangelho - os seus sentimentos para com os filhos, netos e amigos.

Quando chegaram os sintomas da doença que a levou a perder lentamente a memória e a capacidade de falar, confirmou o seu querer dar tudo

Patricia (Pat) McDonald

«Se alguém observar a minha palavra, não morrerá» (Jo 8,51)

A Pat chegou ao Paraíso no dia 11 de dezembro, aos 91 anos de idade. Nasceu em Sidney, mas devido ao trabalho do marido, mudou-se para Melbourne com os três filhos ainda pequenos. Do seu encontro com as focolarinas contou: «Percebi algo que nunca tinha aprendido nos livros: que o Evangelho se deve viver em todos os momentos do dia e que as Bem-Aventuranças não são apenas para os santos e para os místicos, mas também para mim, uma dona de casa australiana, dos arredores de Melbourne»

A Pat soube aceitar e escutar com profundidade todas as pessoas, fosse qual fosse a sua idade e experiência, dando conselhos cheios de sabedoria ou abrindo o seu coração, sem fazer nenhum juízo. Com os seus talentos e um delicado sentido de humor, empenhou-se com dedicação ao movimento que começava a nascer na Austrália, ajudando Famílias Novas e Humanidade Nova.

Depois da morte de Geoff, partilhou com Chiara a graça de ter podido fazer meditação através do livro "O Grito", que tinha acabado de ser editado. «As tuas palavras sobre Jesus que se senti separado do Pai - escreveu-lhe - recordaram-me o que disseste sobre a partida para o Céu de um dos dois cônjuges e isto é como "uma pequena Trindade que se quebra". Percebi com uma luz nova e muito bela o amor de Deus por mim: posso viver a separação do meu marido em unidade com o grito de Jesus Abandonado».

através do seu sorriso constante. Transcrevemos o agradecimento das focolarinas de Milão: «Milka, chegaste finalmente à Meta onde as "lágrimas se tornam diamantes e as palavras preciosas", como costumavas dizer, onde podes abraçar todos os que amaste na vida e alegrar-te para sempre».

Agora repousa em Loppiano, junto do marido, que foi dos primeiros a ser sepultado na Cidadela.



Em 2013, a sua saúde começou a faltar. Escreveu à Emmaus: «Agora na minha vida há uma vontade de Deus inesperada, uma visita do nosso esposo... Quero oferecer tudo como sendo o meu modo de trabalhar para a Obra». E, em março de 2015: «Como uma filha de Chiara acredito, com todo o coração, que a nossa vida está nas mãos de Deus, e que Deus é amor». Poucos dias antes da «partida», com as poucas forças que lhe restavam, disse a uma focolarina: «Tudo o que quero é fazer a vontade de Deus».

Mariella Musicaro

«Não morrerei, mas continuarei a viver, para poder anunciar as obras do Senhor» [Sal 118 (117),17]

Deus chamou a si Mariella, focolarina italiana a viver há muitos anos na Alemanha, no dia 20 de dezembro, aos 78 anos de idade.

A Mariella era uma jovem dinâmica, desembaraçada, de caráter forte que, ao encontrar Deus-Amor, descobriu a resposta para as suas exigências e o sentido da vida. Aos vinte anos entrou no focolar, em Trapani, sendo a primeira focolarina da Sicília. Mais tarde transferiu-se para Turim e Trieste e depois, com a Silvana, para a Escola de Formação em Loppiano. Seguidamente foi para Bari e Grottaferrata. Em 1978, mudou-se para os focolares de Ottmaring e de Munique. E aqui, depois de ter estudado alemão com muita dedicação, trabalhou como assistente social, profissão que considerava um serviço a Jesus no próximo.

Desde jovem que a Mariella tinha problemas de saúde, o que para ela representava um constante desafio, mas não desistia. Lutava com a doença sem ceder à tristeza, tanto que o seu pai regressou a Deus e à Igreja depois de muitos anos, tocado pelo seu testemunho. Juntamente com



outras pessoas que tinham a mesma doença, em 2010, a Mariella fundou em Munique uma rede de apoio mútuo. Acolhedora, hospitaleira, misericordiosa, mantinha o contacto com muita gente e não cessava de pôr em prática os seus talentos, traduzindo do alemão para o italiano artigos para a Obra.

Pérola preciosa da sua vida foi a fidelidade à escolha exclusiva de Jesus Abandonado. D'Ele, em

Sebastiano (Nuzzo) Di Paola

«Não se acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, para que alumie todos os que estão em casa» (Mt 5,15)



No dia 29 de dezembro, o Nuzzo, focolarino da Mariápolis Romana, partiu serenamente para o Céu, aos 86 anos de idade. Conheceu o Ideal aos 25 e sentiu logo a chamada ao focolar. Foram vários os focolares onde viveu: Pescara, Turim, Sassari, Roma, Buenos Aires, Loppiano e, por fim, Roma, cidade onde, num liceu, foi professor de Letras e Filosofia. Aos 58 anos, devido a um AVC, ficou quase totalmente paralisado. Apesar de ter feito muitos tratamentos de fisioterapia e de terapia da fala, ficou com grandes dificuldades em andar e falar. O Nuzzo esteve sempre rodeado pelo amor dos focolarinos e especialmente de Chiara, à qual, depois dela o ter visitado, com muito esforço, pediu para lhe escreverem: «Obrigada pela tua visita e pelas tuas prendas. Declaro-te Jesus no meio e ofereço com amor todos os momentos do dia, pelo crescimento da Obra».

Para superar as dificuldades de comunicação, o Nuzzo começou a usar uma máquina de escrever, e escrevia, como transmitiu numa carta a Chiara, sobretudo para reavivar a unidade com ela e com todos. Continuou conforme podia as suas reflexões sobre os estudos da Obra. Através das suas cartas, sentia-se o quanto vivia por todos, apesar de não poder sair de casa.

1971, escreveu a Chiara: «É o tesouro dos tesouros. Apaixonamo-nos por amá-Lo e experimentamos, num ritmo cada vez mais célere, o contínuo e sempre novo lucro, fruto do perder». E, em 2000: «Continua a decadência física, seguem-se as provas e as podas, mas a alma canta, cresce a união com Deus, a empatia com o Esposo; raízes profundas no Seu Amor. Desponta e nasce, de tudo isto, um amor novo pelas focolarinas, por todos».

Passaram-se assim 27 anos. Todas as semanas, antes do encontro de focolar, ditava a sua profunda comunhão de alma, para que fosse lida a todo o focolar. Tinha um grande amor por Jesus Abandonado, que se notava sobretudo quando, depois de algumas quedas e traumas, por causa da sua condição física, não se lamentava nunca, suportando a imobilidade sem ser um peso. Ultimamente, ao verificar-se a sua mudança de focolar, o Nuzzo cresceu muito no amor, dirigia muitas atenções aos outros focolarinos doentes e irradiava uma grande alegria.

Archie Maclulich

«Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos bem amados, e procedei com amor, como também Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável aroma» (Ef 5,1-2)



O Archie, primeiro focolarino casado da Escócia, partiu de repente para o Céu, no dia 30 de dezembro, aos 74 anos. Era filho de pai presbiteriano e de mãe católica e formou-se em Pedagogia e Psicologia. Quando era professor na ilha de Skye, encontrou a Claudine. Casaram-se e

Dan Mulvey

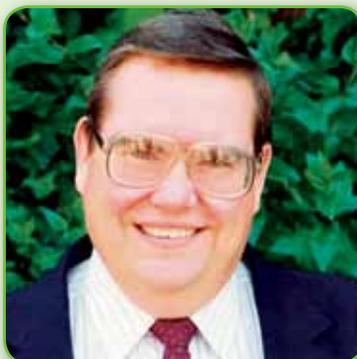
«Estou sempre contigo» [Sal 72(73), 23]]

O Dan, focolarino casado do Texas, chegou à Mariápolis Celeste no dia 16 de janeiro, aos 69 anos. Em 1978, juntamente com a mulher, a Mary (que também se tornou uma focolarina), conheceu o Movimento e a sua vida deu uma reviravolta: «Durante os primeiros anos de casamento - contava o Dan - a minha maneira de encontrar Deus era oferecer-me como voluntário em muitas organizações caritativas, que me mantinham longe da família muitíssimas noites. Experimentava uma certa satisfação nestas atividades, mas não tinha feito a escolha de Deus como ideal». E continuava: «uma vez que me decidi a viver o Evangelho, em particular o mandamento novo de Jesus, percebi claramente que, amando, podia encontrar Deus em cada momento presente».

Em 1993, foi submetido a uma operação ao coração. Mais tarde surgiram outros problemas de saúde que se tornaram cada vez mais graves. Em 1998, escreveu a Chiara: «Entendi que a minha corrida não pode abrandar porque o Espírito Santo nos mostra, através de ti, novos horizontes e o nosso Ideal dá-nos a energia e a

tiveram cinco filhos. Em 1974, toda a família participou numa Mariápolis e o Archie comentou: «Percebemos que o Ideal era a realização absoluta da nossa vida». O Archie era psicólogo, num centro de crianças com problemas psíquicos. Humanamente havia pouco a fazer para mudar as situações, mas, através da espiritualidade do Movimento, sentiu «o novo imperativo de viver o mais possível por Deus também neste ambiente, fazendo a experiência de Jesus Abandonado».

Em 1989, um primeiro enfarte fez com que tivesse de passar seis meses em convalescença; nos anos seguintes teve também de continuar a tratar-se, enfrentando várias terapias e operações ao coração. O Archie e a Claudine mudaram-se para Edimburgo e ele empenhou-se



alegria de correr ao teu lado. Em 2006, o Dan começou a fazer hemodiálise. Depois de ter ultrapassado uma forte crise, escreveu ainda a Chiara: «Agradecido a Deus pelas minhas melhores, pedi-Lhe mais graças para dizer "sim" à doença e para rece-

ber de braços abertos os inevitáveis sofrimentos futuros» e acrescentou: «Através do dom da nossa espiritualidade, a minha escuridão transformou-se em Luz e sinto-me, mais que nunca, perto de Deus».

Quando os médicos lhe disseram que todas as hipóteses de cura se tinham esgotado, o Dan recebeu corajosamente e com serenidade a vontade de Deus sobre si, dizendo que oferecia a sua vida pela unidade da Obra.

Os focolarinos e muita gente da comunidade testemunharam ter conhecido um verdadeiro irmão, sempre próximo, em especial, de quem passava momentos difíceis. A sua presença no focolar - como quer dizer o seu nome novo «Dani = estrada de unidade» garantia Jesus no meio e mantinha o sobrenatural. O seu funeral foi celebrado em Dallas pelo seu irmão Bispo, D. Michael.

num projeto social, comum à Igreja Católica e à Igreja da Escócia. Com a sua experiência e a sua capacidade de profunda escuta, colaborou como consultor nas adoções e tratou também de projetos de pesquisa na área da educação. Com a sua família e com outros artistas de música galesa, empenhou-se na gravação de um CD de música e canções para a Missa. E em todos estes anos, com muita generosidade e prontidão, acompanhou a comunidade escocesa do Movimento.

Os focolarinos disseram dele: A sua presença era mariana: tratava os outros com muita delicadeza, falava com moderação e sabedoria. Apesar da sua muita experiência e capacidade, ninguém reparava nele, a não ser quando estava ao serviço de alguém».

Leo Andringa

«És tu Senhor, o meu único Bem» [Sal 15 (16), 2]

Focolarino casado da Holanda e membro da Comissão Internacional de Economia de Comunhão, no dia 22 de janeiro, o Leo partiu para o Céu, aos 78 anos de idade. Deixou a mulher, Anneke, voluntária, quatro filhos e dez netos. Economista notável, ocupou lugares de responsabilidade no Ministério das Finanças e na Banca holandesa, promovendo um sistema de gestão de acordo com o critério dos sete aspetos.

Quando Chiara lançou a Economia de Comunhão, o Leo empenhou-se logo em promovê-la. Escreveu-lhe: «Renovaste totalmente a minha vida pessoal e conjugal, agora estás a renovar também os meus conhecimentos e a minha visão da economia». Em 2005, já reformado, colocou-se ainda mais à disposição da EdC e Chiara confiou-lhe a coordenação geral deste projeto. Em pouquíssimo tempo, a Anneke e o Leo conseguiram vender a casa na Holanda e mudaram-se para o Centro da Obra, onde ficaram durante nove anos.

Em outubro de 2006, apareceu-lhe uma doença grave. «Tive uma alegria imensa - escreveu o Leo a Chiara - quase como "voar para Deus" que me atraiu para o seu grandioso projeto, e que a ti



foi revelado em favor da humanidade. Ao partilhar esta experiência com a minha mulher, também ela sentiu de imediato a alegria de participar nesta grande aventura com Deus».

Apesar do seu estado de saúde, o Leo continuou a trabalhar e a fazer viagens, colocando ao serviço da Obra os seus dotes

profissionais e a sua sabedoria. Esforçava-se também por conseguir fundos para a Universidade Sophia, de Loppiano. O Presidente, Piero Coda, sobre o Leo, escreveu: «Acreditava profundamente no projeto de Sophia e dizia sempre: "O dinheiro chegará, o importante é que o projeto seja o adequado. O projeto existe e portanto o dinheiro não faltará"». No site de Sophia, os estudantes agradecem-lhe «pela fecundidade da sua vida, pela sua doação» e concluem: «Obrigado Leo! Continua a seguir-nos».

Foi sepultado na cidadela Mariënkroon, na Holanda, onde morava desde 2013.

Recordamos o Leo pela sua generosidade e paixão, desejo de transparência e honestidade. E agora, pensamos nele a enriquecer a Mariápolis Celeste, acreditando que continuará a trabalhar conosco, para que na Terra se viva cada vez mais a fraternidade e a unidade que Deus quer.

P. Sebastião Marques Fernandes

«A tua Palavra é a minha alegria» (Jer 15,16)

O P. Sebastião, o segundo de oito irmãos, sacerdote focolarino de Castelo Branco (Portugal), no dia 7 de abril de 2015, com 75 anos de idade, voltou para a casa do Pai. Em 1971, participou na Mariápolis de verão, em Fátima, e descobriu o profundo significado de ser sacerdote «que não é uma coisa da cabeça - dizia - mas do coração».

Em 1975, frequentou a Escola sacerdotal de Frascati (Roma) e aí celebrou o seu «casamento» com Jesus Abandonado.

De volta a Portugal, vivia em grande comunhão com a sua diocese, cujo Bispo o convidou para dirigir o Colégio diocesano da juventude, «para que a sua bondade faça recordar aos jovens o grande educador S. João Bosco». Seguidamente, com um outro sacerdote focolarino, foi chamado a constituir - experiência nova naquela altura - uma unidade pastoral formada por vários sacerdotes que, juntos, se ocupavam de algumas paróquias. Um deles, doente e por ele acompanhado durante vários anos, disse: «Agradeço ao P. Sebastião porque foi um irmão para mim».

Um senhor a quem o P. Sebastião deu a



Maria Otilia Leiria Gomes Moura

“Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”



A Maria Otilia nasceu no Algarve. Embora a sua família fosse católica, não frequentava muito a Igreja, mas transmitiu-lhe sólidos valores humanos.

Fez a sua formação académica com grande sucesso, tendo sido sempre a melhor aluna. Formou-se em Físico-Química na Universidade do Porto e foi convidada para Assistente.

Quando obteve uma bolsa de estudos para fazer o seu doutoramento em Londres, optou por ficar e constituir uma família. Casou e foi viver definitivamente nos Açores, onde foi professora do liceu e, depois, da Universidade. Teve 4 filhos. A par da Física, que ensinou a várias gerações, sempre procurou transmitir valores humanos aos seus alunos. De carácter forte e determinado, era muito alegre e comunicativa.

Em 1968, participou no primeiro encontro do

conhecer o Movimento contava: «Era uma alma pura. Mesmo nas adversidades mais duras tinha sempre uma palavra de conforto. A sua porta estava sempre aberta. A palavra "não" não existia no seu vocabulário. Estava sempre alegre e dizia: «Sabem qual é o distintivo do cristão? É o sorriso». Um sacerdote também contava: «Simples, humilde, sabia enaltecer as qualidades dos outros, enquanto ele se colocava no último lugar».

Muito devoto de Nossa Senhora, tinha uma profunda comunhão com Jesus Abandonado que procurava amar «sempre, imediatamente e com alegria». Foram precisamente estas as suas últimas palavras. A Diocese recorda-o como um apaixonado por Cristo e pelo Evangelho, contemplativo do amor de Deus pelo mundo, totalmente doado ao seu mistério sacerdotal, unido a Cristo e ao serviço dos irmãos na Igreja.

António Assunção, Jorge Guarda

Movimento dos Focolares nos Açores, convidada por uma amiga. Encontrou-se com uma experiência que modificou a sua vida, à qual aderiu a cem por cento. É de destacar a sua grande generosidade, o que a levou a abrir a sua casa para acolher pessoas e atividades do Movimento. Viver esta espiritualidade tornou-a cada vez mais dócil à vontade de Deus sobre si. Foi das primeiras voluntárias dos Açores.

Tinha a consciência de que a vida é uma Santa Viagem e procurou vivê-la com grande ternacidade. Uma frase do Evangelho que a ajudou muito foi: *“Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”*. As dificuldades que atravessou não a fizeram parar.

Nos últimos anos da sua vida enfrentou um longo período de doença. Escreveu: *“A minha alma sente-se cheia de Deus! Amanhã vou tranquila para a minha operação, certa das vossas orações para que seja Jesus na médica a fazer a intervenção. Nas dificuldades, acreditar no amor de Deus. É isto que me tem dado forças para mais esta etapa difícil na minha vida.”*

Foi esta fé forte que a levou a fazer e refazer relações familiares e sociais. O seu renovado Sim a Deus é uma força para nós e continuamos a viver com ela o seu entusiasmo em fazer chegar a todos esta vida de Unidade e a ser apóstolos e testemunhas do amor de Deus.

Pelo dom da sua vida e fidelidade a Jesus Crucificado e Abandonado, para chegar à plenitude da vida na Ressurreição, no nosso coração há uma imensa gratidão à Maria Otilia!

Em 1997, quando a Silvana veio a Portugal.



Cerise LawsonTancred

«Devemos tratar os outros como VIPs»

Voluntária de Deus de Luxford (Inglaterra), a Cerise partiu para a Mariápolis Celeste no dia 20 de abril de 2015. Nasceu no seio de uma prestigiada família inglesa, anglicana praticante e o cristianismo tornou-se parte integrante da sua vida. Desde jovem que ajudava - entre outras coisas - na fundação do Club Good Friends, para crianças desfavorecidas.

Nos anos sessenta, a Cerise foi das primeiras pessoas da Inglaterra a conhecer o focolar e a empenhar-se na Obra. Aprendeu a «fazer-se um» em todas as situações, a amar ricos e pobres, jovens e idosos, pessoas de todas as nacionalidades e credos. O seu lema era: «tratar cada um como um VIP». Não obstante o seu elevado extrato social, a Cerise era uma pessoa de grande humildade, que queria servir Jesus em cada próximo: um proprietário de terras, um operário, uma criança. Não perdia nunca a oportunidade de amar, de escutar e de responder a quem necessitava. Foram imensos os livros de "New City" que ela comprou para oferecer, para

que muita gente pudesse encontrar neles conforto e ideias.

Mulher e mãe primorosa, quando o marido Christopher, advogado, se tornou ministro anglicano, abraçou com ele este cargo, que não era fácil, e colaborou no desenvolvimento da comunidade de muitos modos. A sua contribuição foi decisiva quando - no auge dos distúrbios na Irlanda do norte - uma centena de jovens de Belfast, católicos e protestantes, foram instalar-se em Wrington. Esteve sempre próxima deles, o que fez com que o relacionamento construído permanecesse sereno e fecundo.

Durante um certo período de tempo, a Cerise assumiu também a responsabilidade de Humanidade Nova, apoiando numerosas iniciativas sociais. A sua vida podia parecer fácil, mas, para quem a conheceu, era evidente que o facto de ir ao encontro dos outros nasceu de alguma coisa interior: a oração e a fidelidade a Jesus Abandonado, que a Cerise considerava o seu maior amigo, Aquele que lhe ensinava como devia amar. Nos testemunhos do seu funeral, partilhado também pelos filhos, foi salientada a sua generosa coragem de mulher humilde e o modo como revivia as virtudes de Nossa Senhora. O seu exemplo continua a ser inspiração para muita gente.

Stella Worthington



Italo Scrivano

«Caminhai pois no Senhor
Jesus Cristo, enraizados e
edificados n'Ele, firmes na
fé» (Col 2,6-7)

No dia 16 de abril de 2015, o Italo, empenhado de Famílias Novas da Ligúria (Itália), deixou este mundo, aos 90 anos de idade. Afável, alegre, divertido, mas também com uma seriedade inteligente, desde jovem que se destacava no serviço aos outros: na paróquia, nos órgãos participativos da escola dos filhos, na vida política e administrativa da sua cidade. Foi maqueiro em Lourdes durante vinte e cinco

anos e durante quinze colaborou com a Rádio Maria e ACLI.

Em 1976, conheceu o Ideal. Ficou fascinado e também a mulher, Mariangela, aderiu com entusiasmo a esta vida nova. «Recebi mais do que dei» repetia o Italo muitas vezes e, os dois, puseram à disposição dos focolarinos e das famílias a sua casa junto ao mar. Viver pela Obra foi para o Italo um privilégio, uma alegria que manifestava doando-se aos outros. E todos os que se aproximavam dele ficavam conquistados.

Há dez anos surgiu-lhe uma doença grave, que ultrapassou também pela intercessão pedida à beata Chiara Luce Badano. O Italo e a Mariangela tinham apoiado de perto os pais dela. Com a cura, o Italo pôde retomar a sua vida ativa na Obra.

No último ano, com o avançar da idade, os

encontros com as famílias realizavam-se na sua casa, pelo que, deste modo, ele podia ainda pôr em comum a sua alma e a sua vida.

No funeral deram testemunho pessoas de todas as classes sociais (autoridades, representantes de associações, amigos e muita gente da Obra) refletindo a abundante "sementeira" feita pelo Italo durante a sua longa vida.

Maria e Mario Lassalaz

Pasquale Di Iorio

Um livro branco preenchido pela docilidade à vontade de Deus

O Pasquale, um dos primeiros empenhados paroquiais de Ischia (Nápoles) chegou à Mariápolis Celeste no dia 8 de abril de 2015, com 64 anos de idade, deixando atrás de si um rastro luminoso de amor e de bondade. Com Angelina, a sua mulher, num momento difícil da vida deles - a perda do pequeno Maurizio, o terceiro filho - conheceu a espiritualidade dos Focolares, que transformou o seu sofrimento em pão perfumado e partido para alimentar e saciar os outros. O Pasquale tornou-se tudo isso para quem quer que fosse, na família, no trabalho de jardineiro, na paróquia. Algum tempo depois nasceram, para alegrar a família, mais dois filhos.

O Pasquale deixava-se trabalhar e polir pelo Espírito Santo, construindo relacionamentos profundos com quem quer que encontrasse. Amava com naturalidade, sendo direto e concreto, pronto a arregaçar as mangas com a sua desarmante simplicidade. Todos ficavam sensibilizados pela sua disponibilidade, pela sinceridade, pela sua presença onde quer que fosse e em qualquer caso, ao serviço dos outros e da comunidade. Nutria uma clara paixão pela Igreja, que queria que fosse viva e virada para fora.

Depois de vários exames clínicos chegou o diagnóstico implacável. O Pasquale disse então: «Vi um livro branco, que devia ser preenchido pela docilidade à vontade de Deus». E a Angelina: «Após os primeiros momentos de perplexidade, juntos, abandonámo-nos nas

mãos do Pai, dissemos-Lhe tudo sobre o nosso sofrimento. Ajudados pela família da Obra, que esteve sempre ao nosso lado, fizemos de Maria o nosso modelo que, também na Paixão, disse o seu "sim" incondicional. Era o nosso *stabat...*». Neste clima, plenamente consciente, o Pasquale ofereceu a sua vida pela família da Obra, pela qual tinha gasto a sua infatigável vida.

secretaria central do Movimento Paroquial

Os nossos parentes

Passaram para a Outra vida: **Irene, mãe da Donata Genovese**, focolarina em Turim; **Maria, mãe da Erikalvacson**, focolarina em Loppiano; o **JinSang, pai da Ricor Lee**, e o **Victor, irmão da Marla Fisico**, focolarinas na Mariápolis Romana; o **Vieri, irmão da Valeria Masini**, focolarina em Florença; **Bill, pai da Corre e do Mark Ruse**, focolarinos na Austrália; a **mãe e a irmãa Marilen Nkafu**, focolarina em Fontem; o **irmão da Maria Gennaro**, focolarina em Montet; o **irmão da Juliana (Lia) Pimentel Coelho**, focolarina em João Pessoa (Brasil); o **pai da Tania Maria Stimamiglio**, focolarina em Florianópolis (Brasil); o **Giuseppe, pai da Tamami Koakutsu**, focolarina em Nagasaki e da **Naomi**, focolarina casada em Tóquio; o **Benedetto, pai do Adelson Oliveira**, focolarino em Loppiano; a **Marie Louise e o Raymond Chevalier, pais da Christianne e da Marie Elisabeth Chevalier**, focolarinas na França; o **Deogratias, irmão da Christine Naluyange**, focolarina em Iringa (Tanzânia); a **Maqboula, mãe da Gemma Al Sawalha**, focolarina na Jordânia; a **Nellina, mãe da Romilda Cajazzo**, focolarina casada da zoneta de Nápoles; a **Ada, irmã da Rosa Calò**, focolarina casada na Mariapoli Romana; o **Jean, pai do Robert Chadourne**, focolarino no Centro da Obra..

Inserido nas comemorações dos 50 anos do movimento dos focolares em Portugal,

Está em elaboração uma **nova imagem** e um **novo endereço** para o **site oficial do movimento em Portugal**.

ESTEJA ATENTO!!!!!!

NOS PRÓXIMOS DIAS, AO ENTRAR NA PÁGINA:

www.focolares.pt

IRÁ ENCONTRAR UMA SURPRESA!!!!

E AINDA MAIS!!! NESSA OCASIÃO ENTRARÃO EM FUNCIONAMENTO AS NOVAS PLATAFORMAS:

facebook: <https://www.facebook.com/focolaresportugal>

twitter: <https://twitter.com/focolaresPT>

vimeo: <https://vimeo.com/focolaresportugal>



Um pouco por todo o país celebra-se o dia 21 de Fevereiro, que foi o dia em que chegaram a Lisboa as 2 focolarinas brasileiras (Conceição Lins e Geilda Cavalcanti), que deram início ao movimento em Portugal.

Aqui estão os convites das jornadas de Lisboa e Porto.

A festa oficial será no encontro de Outubro, com todos.

